

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA



ENTRE FICÇÃO E REALIDADE:
A RELIGIOSIDADE POPULAR NA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES

RAQUEL ARAÚJO DE ALMEIDA

2201

*trabalho
científico*

Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS

Campus St. Mônica - bloco 10 (Antigo Mineirão)

Av. Universitária S/Nº

38400-000 Uberlândia - MG

RAQUEL APARECIDA DE ALMEIDA

**ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: A RELIGIOSIDADE POPULAR NA
OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES**

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de Bacharel em
História, à Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação da Profª. Drª. Maria
Clara Tomaz Machado.

UBERLÂNDIA

2003

ALMEIDA, Raquel Aparecida de. (1977)

Entre Ficção e Realidade: A Religiosidade Popular na Obra de Bernardo Guimarães.

Raquel Aparecida de Almeida – Uberlândia, 2003.

63 folhas.

Orientador: Maria Clara Thomaz Machado

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras – Chave: História – Literatura – Religiosidade Popular.

RAQUEL APARECIDA DE ALMEIDA

**ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: A RELIGIOSIDADE
POPULAR NA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Clara Tomaz Machado (orientadora)

Prof^ª Dra. Jane de Fátima Silva Rodrigues

Prof^ª. Ms. Aninha Duarte

*Aos meus pais Mauro e Leonízia,
minha grande fonte de apoio e
incentivo.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido realizado sem o auxílio, apoio e incentivo de várias pessoas. Agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram.

Agradeço imensamente à Prof^ª. Dr.^ª Maria Clara Tomaz Machado, pela atenção e por ter acreditado em meu trabalho.

À todos os Professores do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, pois a todos devo minha formação acadêmica.

À Banca Examinadora composta pela Prof^ª. Dr.^ª Jane de Fátima Silva Rodrigues e pela Prof^ª. Ms. Aninha Duarte que prontamente se dispuseram a analisar este trabalho e por terem gentilmente me emprestado alguns documentos que foram tão essenciais para a elaboração deste.

Ao João Batista pela eficiência e carinho com que sempre me atendeu e pelo grande amigo de tantas horas.

À Kênia que sempre esteve disposta a me ajudar com dedicação e alegria.

Ao Josué, ao Adonile e à Rejane pelo carinho de sempre.

À Dânya, por ter me ajudado no que podia, me ouvindo pacientemente por tantas vezes e me aconselhando com carinho.

À Kaita minha grande amiga, que tanto me ajudou, me apoiou e acreditou em minha capacidade, até nos momentos em que eu mesma tive dúvidas. Estando presente em tantos momentos, tanto nos felizes como nos difíceis. Enfim, agradeço por ter sempre consigo uma palavra de incentivo e esperança, me mostrando que existem inúmeros motivos para sorrir.

Ao Marcos e a Rosana, duas pessoas maravilhosas que tanto torcem por mim.

À minha família por serem o que de mais importante tenho na vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
-------------------------	----------

CAPÍTULO I

NACIONALISMO/REGIONALISMO DE BERNARDO GUIMARÃES: O AUTOR E SUA OBRA.....	15
---	-----------

CAPÍTULO II

RELIGIOSIDADE POPULAR E LITERATURA REGIONAL

2.1 A ORIGEM DO CULTO À NOSSA SENHORA D'ABADIA.....	34
2.2 ENTRE O BEM E O MAL: O ERMITÃO DO MUQUÉM.....	38
2.3 PERSPECTIVA DO LIVRO: ANÁLISE CRÍTICA.....	43
2.4 PELO VIÉS DA IGREJA CATÓLICA: UMA OUTRA VERSÃO DO CULTO.....	51

CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
-----------------------------------	-----------

FONTES	59
---------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	60
---------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A escrita do historiador tem causado bastante questionamento e preocupação desde o século XIX. Alcione de Souza, ao discorrer sobre os inúmeros obstáculos enfrentados pelo historiador com relação à sua produção de conhecimento, comenta que quando se objetivou elevar a disciplina à condição de ciência, eram utilizadas algumas “formas científicas de exposição histórica.”¹

Por essa perspectiva o historiador tinha que expor suas idéias de forma objetiva, imparcial, narrando os fatos e acontecimentos históricos, tal e qual estes tinham acontecido. Embora essa tenha sido uma visão dominante durante o início do século XX, nesse mesmo período ela começava a ser criticada.

Em 1929, quando Lucien Febvre e Marc Bloch criam a revista *Annales*, muitos intelectuais, inclusive historiadores se utilizaram desta para questionar o que se produzia até então. Nesta fase procurou-se uma aproximação com várias outras áreas do conhecimento. Entretanto, foi apenas no fim dos anos 70 do século passado que surge uma reação contra a história estrutural, evidenciando uma história das mentalidades e o retorno dos eventos, o que provocou várias questões relativas à uma nova construção da narrativa.²

Contudo foi apenas em 1980 que uma nova história Cultural se impôs no cenário historiográfico, identificando como objeto de suas investigações práticas e representações culturais alicerçados no mundo social.³

A História cultural se interessa pelas variadas formas produzidas pelos indivíduos para se representarem ou expressarem. A literatura é uma dessas formas que nos possibilita conhecer, questionar e compreender hábitos, costumes e crenças de uma dada sociedade, em uma determinada época. Segundo Antônio Cândido:

A Literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu defeito. São

¹ JÚNIOR, Alcione de Souza. História e ficção: A escrita do Historiador e seus problemas. In: *Revista Atos & ethos*. Patrocínio, v.2, p. 231-234, 2002.

² BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

³ CHARTIER, Roger. *A Nova História Cultural: Entre práticas e representações*. Portugal: Difel/Bertrand. Brasil, 1985.

*dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.*⁴

Ao trabalharmos com a religiosidade popular a partir de uma obra literária faz-se necessário nos remetermos a alguns trabalhos que tratam da interessante relação entre Literatura e História. Conforme Pesavento anuncia:

*Quando se volta para a literatura, quando se dispõe a pensar a escritura da história, quando intenta penetrar no mundo da leitura, quando ainda passa a trabalhar com as imagens- pintura, arquitetura, desenho, filme, televisão, história em quadrinhos- o historiador adentra em territórios de fronteira de em outros domínios do conhecimento.*⁵

Em *História e Literatura: Uma relação de troca e cumplicidade*, Valdeci Rezende, destaca a importância de tomarmos como objeto de estudo o imaginário de uma determinada sociedade quando desejamos compreender as transformações pelas quais passa esta sociedade. Para Valdeci, a “Literatura constitui uma saída para a investigação de novos problemas e objetos com elementos não tradicionais.”⁶

De acordo com o autor, o imaginário social que uma sociedade constrói é também uma das formas pelas quais ela se expressa, constituindo-se a partir das experiências dos seus agentes sociais. Para ele, este sistema só se torna comunicável a partir da compreensão dos discursos que contém as representações coletivas.

Quando se trata de analisar um determinado aspecto desse imaginário que se apresenta historicamente, podemos fazê-lo através de suas variadas representações, como exemplo, a obra literária. Objetivando atingir esta compreensão é necessário que se desenvolva uma abordagem que consiga abarcar uma análise histórico-social, procurando trabalhar tanto com o sentido da obra, como também visualizar o contexto no qual a obra foi elaborada.

Ao comentar sobre a importância da literatura quando utilizada enquanto subsídio ou fonte documental, Valdeci considera a literatura como um produto social muito importante, pois traz em si muito da sociedade em que foi elaborada, proporcionando não apenas a oportunidade de expressão de uma determinada realidade

⁴ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981. p.68.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatthy. Indagações sobre História Cultural. In: *Rev. Artcultura*, Uberlândia, vol.3, n. 3, p.12, 2002.

⁶ BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Uma relação de troca e cumplicidade*. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, vol.9, 1998. p.31

como também, significando fonte de conhecimento de novos valores. Para o autor vale considerar:

*A exploração dos ricos caminhos que nos oferece a relação História e Literatura, uma vez que esta última detém um valor temporal e histórico que podemos captar através de um processo de historização, que evidencia a cumplicidade entre uma e outra, a partir de aproximações internas e externas ao texto.*⁷

Francisco Handa, em seu trabalho “*Discurso Histórico e Narrativa Literária.*” Chama a atenção para as questões levantadas quando da utilização da literatura enquanto fonte documental. Para Handa, um dos principais problemas a serem enfrentados pelos historiadores diz respeito a questão da veracidade, pois se o literato tem toda a liberdade para criar personagens, histórias e contextos que podem ou não ter existido, o historiador tem seu campo limitado.⁸

Enquanto uma infinita gama de possibilidades são apresentadas pela literatura, podendo estas até mesmo serem absorvidas pela História Oficial, Handa afirma que a grande maioria dos historiadores que trabalham com esse tipo de documento se justificando quanto a sua veracidade dizem que “ A História pensada como representação não se mede por critérios de veracidade e sim de verossimilhança e credibilidade”.⁹

Segundo Lígia Chiappini, em “*Relações entre História e literatura no contexto das humanidades hoje:*

*Não cabe dizer que um ficcionista finge ou mente, embora caiba perguntar, sim que verdade ele nos traz pelas suas meias verdades. Já o historiador não. Narrador vivaz ou não, assumindo a subjetividade de suas hipóteses e juízos, ou não, seria uma ofensa dizer que ele finge ou que simplesmente inventa sem procurar o que diz com base na investigação historiográfica*¹⁰.

Para Sandra Jatahy, a questão da veracidade e ficcionalidade de um determinado texto é uma questão que proporciona o diálogo entre a História e a Literatura, o que leva

⁷ BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Uma relação de troca e cumplicidade. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 9, 1993.p.39.

⁸ HANDA, Francisco. Discurso Histórico e Narrativa Literária. In: *Revista Pós História*, Universidade Estadual Paulista, Assis, n 8, p..357-362, 2000.

⁹ HANDA, Francisco. Discurso Histórico e Narrativa Literária. In: *Revista Pós História*, Universidade Estadual Paulista, Assis, n. 08, 2000. p. 358.

¹⁰ CHIAPPINI, Lígia . Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: . *História Fronteiras*, São Paulo, 2000. P.815.

à diluição de fronteiras, antes delimitadas, como também proporciona uma interdisciplinariedade, com relação à História segundo a historiadora:

Se a quisermos definir como ficção, há de se ter em conta que é uma ficção controlada porque a História aspira ter, em sua relação de "representância" com o real um nível de verdade possível. A tarefa do historiador é controlada pelo Arquivo, pelo documento, pelo caco e pelos traços do passado que chegam até o presente.¹¹

Em se tratando da análise do texto literário, no sentido de se obter a partir dele as respostas aos nossos questionamentos, faz-se necessário a instauração de um diálogo, bem como um confronto entre fontes e historiador, com o objetivo de se compreender não apenas a obra em si, mas o que ela traz consigo, nas entrelinhas. Para isso, o melhor caminho a seguir é analisar como os termos, os personagens, o contexto se encontram inseridos em sua obra e como estes nos permitem conhecer certos fatos e aspectos de uma dada sociedade.

A cultura popular é um campo que tem atraído muitos pesquisadores, seja antropólogos, historiadores, sociólogos, entre tantos outros. Em seu trabalho, **Cultura Popular e Democracia**, Marilena Chauí nos adverte quanto a considerarmos a cultura popular como sendo uma cultura dominada e não como uma das inúmeras formas de expressão e manifestação dos explorados. Segundo a autora se a definirmos como passiva perante a dominação, portanto alienada seremos coniventes em referendar a ideologia dominante, pactuando com a idéia de que a produção cultural das classes populares é uma arte menor, sem criatividade, pobre, incapaz de reflexão própria ou mesmo de resistência àquilo que lhe é imposto.¹²

A cultura popular é móvel e flexível, estando em constante movimento e recriação, não devendo ser encarada da forma como o Estado a concebe ou seja congelada, como tradição. Nesse sentido, uma prática cultural popular é viva, criadora e pulsante na medida em que tem significado para quem dela participa. Caso contrário, como afirma Pasta Júnior é emoldurada para servir ao mercado¹³ ou como afirma Nora ocupa os lugares mortos da memória¹⁴.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da Ficção: Diálogos da História com a literatura. In: *História Fronteiras*, São Paulo, 1999. p.820.

¹² CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981

¹³ JÚNIOR Pasta., José Antônio. Cordel, Intelectuais e o Divino Espírito Santo. In: BOSI, ALFREDO (org.). *Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1992.

¹⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*, São Paulo/PUC, n. 10, dez/93.

Sendo a cultura uma prática social que tem significado para quem dela participa é justo deduzirmos que a História da cultura se interessa pelo povo comum, por sua vida cotidiana, preocupando-se também com seus conflitos sociais.

*Pela sua faceta de abertura, a nova história cultural pressupõe abertura a interdisciplinariedade e à comunicabilidade entre os diferentes discursos que falam do real; pelo seu lado divisa, ela preserva o lugar da história como o campo a partir do qual se estabelece a pergunta e se constrói o objeto, problematizando-a.*¹⁵

A religiosidade tem uma forte relação com o cotidiano da cultura popular, por isso é quase impossível se discutir sobre essa cultura sem tocar no campo da crença e da fé. Em meio à essas práticas culturais o homem recria essa religiosidade, modificando-a de acordo com seu cotidiano. Compreendida como uma forma de resistência, ou até mesmo espaço de sociabilidade,¹⁶ a religiosidade popular, com suas regras e lógica própria, mostra-se um interessante objeto de pesquisa.

*Projeção fantástica do humano no divino, a religião, define uma existência irremediavelmente cindida entre finito e infinito, criatura e criador, individualidade e universalidade, o aqui e o além, o agora e o porvir, a culpa e o castigo, o mérito e a recompensa.*¹⁷

Ao trabalharmos com a religiosidade popular enquanto prática de uma dada sociedade, segundo Machado, devemos nos despir de padrões já elaborados e definições que consideram essas práticas como sendo credices e superstições. Por meio da religião, o homem que se sente excluído ou marginalizado pela sociedade encontra mecanismos para se identificar com tantos outros indivíduos, que se encontram em igual situação, transformando-se tanto em uma forma de esperança, de melhoria de vida, como também em uma forma de resistência¹⁸. De acordo com Chauí:

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Indagações sobre História Cultural. In: *Artcultura*, Uberlândia, v. 3, n. 3, p.10, dez. 2001.p.10.

¹⁶ MACHADO., Maria Clara Tomaz. Religiosidade no Cotidiano Popular Mineiro: Crenças e Festas como linguagens subversivas. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 22, p. 215-225, Jan/Jun 2000.

¹⁷ CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981. p. 71.

¹⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. *Cadernos de História*, Uberlândia, n. 7, Jan/Dez 1996.

A religião fornece também um sentimento de superioridade espiritual, compensando a inferioridade real e para alguns(classe media urbana baixa) a promessa de ascensão social como retidão moral, enquanto para outros (os pobres) reforça a visão fatalista da existência, cujo prêmio virá um dia no além.¹⁹

Dentre tantas práticas religiosas populares destacamos a Romaria à Nossa Senhora da Abadia, pela relevância que adquire no interior do país, especialmente em Goiás e Minas Gerais, comemorado em 15 de agosto. Destacamos neste trabalho a Romaria de Muquém/GO e a de Romaria/MG (antiga Água Suja) pela interligação de suas histórias, haja vista que a segunda se originou das dificuldades impostas aos crentes mineiros para a realização da sua crença ritual.

A intenção, neste trabalho em abordar a romaria de Nossa Senhora da Abadia se prende ao fato de ser ela cenário da obra de Bernardo Guimarães, no seu romance ‘ O Ermitão do Muquém’. Partindo do real hoje vivido pelos fiéis retomaremos as representações contraditórias sobre as origens de tal prática religiosa. Na perspectiva literária de Guimarães, esta comemoração religiosa é fruto de relações sociais conflituosas, cujo bem vence o mal após traições e amores terrenos. Tal representação se opõe a de D. Prada que, pelo viés da Igreja Católica, apresenta uma versão mais asséptica, vinculando este ritual de fé à uma graça recebida por um explorador de ouro português.

Objetivando alcançar uma graça ou agradecer à santa pelo pedido atendido, quando os primeiros raios de sol iluminam a estrada, para muitos romeiros é hora de prosseguir a caminhada, iniciada algumas vezes ao anoitecer anterior, outras até mesmo dias antes, porém para muitos o corpo já não consegue seguir e a hora é de desistir da viagem.

O romeiro é todo aquele que busca um centro religioso, onde se vive com densidade e louvor, o pedido e a gratidão, onde se festeja na alegria da visita, o Santo Protetor e onde se respira um clima de reencontro. O romeiro é todo aquele que se põe a caminho, saindo de seus modos, se deslocando de suas casas, Quase sempre com sacrifícios, com a bagagem muito leve, para refazer sua unidade interior dividida e espalhada pelas exigências da vida que, por ser dura, o machuca, confunde, divide. O romeiro busca se revigorar, por isso, abre o seu coração deixando passar seu entusiasmo ou sua dor.²⁰

¹⁹ CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: O Discurso Competente e outras falas*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981. p.76.

²⁰ DAMASCENO, Maria das Dores. *Do Diamante ao Milagre da fé: Romaria ex- Água Suja*. Rio de Janeiro: Ed. Vitoria, 1997.p.139

Quem continua precisa superar o cansaço, o sol forte, as dores, enfim o sacrifício. Pessoas de todas as idades e de variadas classes sociais, se misturam na estrada. São idosos, crianças vestidas de anjo, carrinhos de bebê, ciclistas, casais, turmas de amigos que juntos enfrentam o desafio. Algumas pessoas preferem seguir mais afastados dos grupos, ou sozinhas, pois, muitas vezes, não dizer uma única palavra até chegar ao santuário faz parte da promessa. Alguns seguem descalços, outros trazem nos ombros uma enorme cruz, e no coração uma igual confiança de conseguir cumprir o que fora prometido.

*Pecado e sofrimento estão intimamente interconectados, na tradição cristã, e a romaria traz para a cena esta conexão, fazendo com que cada peregrinação seja vivida como uma performance do drama escatológico da salvação. Este sentido penitencial associado ao perdão dos pecados, pode ser observado nas atitudes dos romeiros durante a própria Roma. A seriedade da ida pode ser confrontada com a descontração da volta quando os romeiros sentem mais leves e libertos dos seus pecados.*²¹

Os que possuem melhores condições são acompanhados por carros que, durante a viagem, lhes dão assistência, outros, com menos recursos, dependem da sorte e da caridade de muitas pessoas que nesta época também deixam de lado suas rotinas para auxiliar aqueles que nunca viram antes, lhes oferecendo um copo d'água, um analgésico, uma massagem nos pés ou até mesmo uma palavra de incentivo. Pessoas que nunca se encontraram antes, tornam-se tão próximas e unidas por um grande sentimento de solidariedade, fio condutor que liga esse emaranhado de indivíduos, onde cada qual tem sua história, suas dores e seu porquê do sacrifício oferecido.

Nesse determinado momento possuem o mesmo objetivo que é prosseguir e cumprir sua promessa. Nos olhos de cada um o olhar de súplica, para que sua fé não lhe abandone fazendo-o desistir. No corpo o sangue corre tão quente quanto o sol sob suas cabeças e parar, mesmo que seja por alguns minutos, pode significar não conseguir fazer com que o corpo obedeça, tornando impossível continuar.

Para aqueles que preferem dormir a noite ou apenas recuperar o fôlego por alguns minutos, um lona sobre palha de arroz, ou mesmo no acostamento da estrada, pode parecer pouco luxo, mas nem precisaria tanto. Os mais fortes, mais experientes ou

²¹ STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Um estudo Antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-BA. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. p.110.

melhor preparados, servem de apoio, tanto físico quanto moral aqueles que em seu limite pensam não conseguir chegar ao final.

Mãos que antes nem chegavam a tocar o outro num cumprimento formal, agora massageiam pés de desconhecidos com enorme carinho e dedicação, pois nesse momento todos se consideram iguais, são partes integrantes de algo maior, sentem as mesmas dores, e anseiam com igual força conseguir cumprir sua promessa ou ajudar aqueles que desejam conseguir tal intento.

Após um certo tempo o caminho parece se tornar mais longo e mais doloroso. Para muitos, a vontade de continuar também aumenta em igual proporção, outros, apesar da vontade e da fé, são traídos por sua resistência, lançado muitas vezes em prantos ao chão o romeiro encerra sua peregrinação. Muitas vezes, no caso do devoto não conseguir continuar, a promessa é passada para alguém que possa cumpri-la em seu lugar, sendo, em ultimo caso, deixada para ser continuada em outra ocasião.

Ao chegar no santuário observamos a presença marcante do comércio tanto formal quanto informal, encontramos inúmeras barracas que disputam todo e qualquer espaço para comercializar seus produtos. Os comerciantes, assim como os romeiros, vêm todos os anos e de diversas regiões. Roupas, calçados, artesanatos, utensílios domésticos, bijuterias, artigos religiosos e comida podem ser encontrados a cada dois passos de distância. Os mendigos, leprosos e prostitutas também disputam esse espaço. Nos bares o volume da música disputa com o das vozes das variadas pessoas que vão chegando a cada minuto, são romeiros que finalizam seu trajeto, ônibus lotados de turistas, alguns saciam a fome, outros saboreiam a cerveja, outros estendem as mãos pedindo esmolas. As romarias são também o encontro do sagrado com o profano, por isso, é também uma festa permeada por muitas outras festas.

Geralmente estes santuários são locais pequenos que não tem infra-estrutura para receber tantas pessoas quanto recebem, por isso seus moradores locais encontram diversas formas de lucrarem com essas comemorações, alugam quartos de suas casas, garagens, fazem de seus quintais estacionamentos, transformando o espaço urbano em lugar de turismo religioso.

Nesse momento a fé se mistura com a festa, com a miséria, com a esperança, com o pedido de socorro, não celestial mas imediato, pequenas crianças jogadas nas calçadas, como se fossem objetos, mendigam. Pessoas se dirigem à escadaria da matriz para beijar os pés da santa, terminando seu calvário, outros se dirigem ao anexo da igreja para depositarem seu ex-voto como forma de materializar a graça recebida.

Durante o dia várias missas são rezadas, à noite as bebedeiras nos diversos botequins espalhadas no entorno da praça principal com sons e vozes, propiciam encontros de parceiros que talvez nem se vejam mais. O que de certo permanece é o desejo do retorno no ano seguinte para mais uma maratona de fé e religiosidade.

A partir dessas considerações iniciais enfocaremos no primeiro capítulo a literatura de Bernardo Guimarães, contextualizando sua vida e obras. No segundo, estarão em evidência a origem do culto à Nossa Senhora da Abadia, além das suas representações veiculadas no romance *O Ermitão do Muquém* e uma versão da Igreja Católica, assinada por D. Prada

CAPÍTULO I

NACIONALISMO/REGIONALISMO DE BERNARDO GUIMARÃES: O AUTOR E SUA OBRA

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, nasceu em 15 de Agosto de 1825, na cidade de Ouro Preto Minas Gerais, filho de Constança Beatriz de Oliveira Guimarães e do poeta João Joaquim da Silva Guimarães. O Escritor pertenceu a segunda geração romântica do Brasil, fase inaugurada por Gonçalves dias que, com José de Alencar, são considerados seus representantes mais ilustres.

Considerado criador do primeiro romance regionalista brasileira, *O Ermitão do Muquém*. Bernardo expõe com simplicidade suas intenções nacionalistas, tematizando assim como seus contemporâneos José de Alencar e Casimiro de Abreu, a pátria e a natureza.

Coelho Neto o descreveu como sendo: “Um dos primeiros na escala dos escritores nacionalistas que trouxeram para a literatura as belezas selvagens da nossa Pátria e os costumes de nossa gente do interior”.²²

Guimarães mudou-se para Uberaba em 1829, onde iniciou seus estudos, completando sua instrução secundária em Ouro Preto e Campo Belo. Matriculou-se na faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em 1847 onde conviveu com Alvares de Azevedo e Aureliano Lessa com os quais fundou a “Sociedade Epicuréia “ através da qual pretendiam publicar um livro de versos que se intitularia ‘As três liras”, projeto que nunca se concretizou.

Boêmio, festivo e influenciado pelas idéias do romantismo o romancista não se mostrava interessado com os estudos jurídicos, porém o ambiente acadêmico o inspirava, e o influenciava a desenvolver sua vocação pela literatura . Segundo Couto de Magalhães:

²² NETO , Coelho, (1864- 1934), escritor, poeta e dramaturgo Disponível em : < <http://www.geocities.com/athem>> Acesso em:26/04/03..

*Enquanto estudante, Bernardo Guimarães era dotado de um carácter alegre e expansivo: sua conversação era interessante, pelos rasgos humorísticos em que abundava. Nalguns desses muitos folguedos, que os estudantes faziam para matar o tempo, deixou sua lembrança profundamente gravada nas discussões cheias de sátiras e rasgos extravagantes que ele derramava como uma torrente de H. Heine.*²³

Segundo Feliciano Buarque, em 1842, com a Revolução Mineira, o autor abandonou o colégio integrando-se ao grupo dos rebeldes liberais, embora seu pai fosse conservador, entretanto após algum tempo Bernardo voltou desejando continuar seus estudos.²⁴ Com relação à personalidade de Bernardo, diz José Guimarães:

*Não sou eu quem vai desmentir que Bernardo Guimarães, não foi um boêmio. Foi porém, muito mais no sentido espiritual do homens despreocupado com as coisas imediatas da vida, contemplativo e sonhador, do que no sentido epicurista. Nesse ponto é que se fez em torno de sua figura de homem um anedotário e fabuloso.*²⁵

O autor formou-se bacharel em direito no ano de 1852, ano em que publica seu primeiro livro de poemas ‘*Cantos de Solidão*’ e que também é nomeado Juiz Municipal de Catalão em GO, exercendo o cargo até 1854. Quando ocupou este cargo Bernardo opunha-se politicamente ao presidente de Goiás, sendo por isso perseguido e demitido do serviço e enfrentado um processo de responsabilidade funcional, do qual foi absolvido. Para revidar essa perseguição o autor mantinha contato com o jornal liberal *Atualidade*, através do qual, e de uma forte campanha jornalística, Bernardo conseguiu a exoneração do presidente da província de Goiás, que foi substituído por seu colega de Academia Couto de Magalhães. Este incentivou o autor a mudar-se para o Rio de Janeiro, onde passou a atuar na imprensa e juntamente com Flávio Farnese e Lafaiete Pereira assume a direção do jornal.²⁶

Em 1860 Bernardo inicia suas atividades como crítico literário no Rio de Janeiro no jornal “*Atualidade* “. Com relação a esta atividade Broca comenta que:

²³ MAGALHÃES, Couto (1837-1898). Político, militar e escritor. Disponível em : < <http://www.geocities.com/athem> > Acesso em: 26/04/03..

²⁴ GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Ed. Três, 1973.

²⁵ ALVES, José Guimarães.(neto de Bernardo Guimarães) Disponível em : < <http://www.geocities.com/athem> > Acesso em: 26/04/03.

²⁶ GUIMARÃES, Bernardo. Op. cit. p.13-15.

Um dos que primeiro tentaram realizar no Brasil uma crítica militante, tornado-a instrumento rigoroso de aferição do mérito literário, sem concessões ao panegírico foi Bernardo Guimarães(...) [Ele considera] o Brasil nação de ontem, ainda na infância das letras. O espírito nacional, a mingua de tradições gloriosas de um longo passado, ainda não transparece em nossa literatura de um modo energético e original.(...)

*[Manifesta sua] repulsa a imitação dos moldes estrangeiros, o famoso 'slogan' modernista, de que Bernardo Guimarães pode ter sido também como precursor, oitenta anos antes da Semana da Arte Moderna. Alude ele à nossa excessiva admiração pelos monumentos da moderna literatura européia, dessa sociedade colocada em condições diametralmente opostas às nossas e que nos tem feito abandonar as próprias inspirações para entregar-nos ao estudo de uma literatura que, embora rica e brilhante, não tem deixado de contribuir para dar uma direção falsa e forçada ao espírito de nossas letras.*²⁷

Voltando a residir em Ouro Preto casa-se em 1867 com Teresa Guimarães. É provável que muitas mudanças intelectuais que o autor passa a apresentar deva-se à esposa. O casal teve oito filhos, sendo uma de suas filhas, Constança, falecida aos dezessete anos, noiva de seu primo o poeta Alphonsus de Guimaraens. Neste mesmo ano o autor é nomeado professor de Retórica e Poética no Liceu Mineiro.

Em 1873 foi nomeado professor de Francês e Latim no Liceu de Queluz, MG. Bernardo falece aos 58 anos a 10 de março 1884 na cidade de Ouro Preto, deixando incompletas as obras *A História de Minas Gerais*, encomendada em 1881 pelo Imperador D. Pedro II e o romance *O Bandido do rio das Mortes*. Segundo Alphonsus Guimarães Filho, na ocasião da visita do Imperador Dom Pedro II, este quis prestar uma homenagem ao autor com o título de barão, título que foi recusado pelo autor com a seguinte justificativa “ Qual, onde já se viu um barão sem baronato? ”²⁸.

Seu estilo define-se por descrever em pormenores tanto a natureza, característica marcante do período literário à que pertenceu como também a vida social de seus personagens e dos sentimentos humanos, seus amores, seus ódios, seus desejos e intrigas e ate mesmo seus medos.

Para alguns o autor foi melhor prosador, para outros foi melhor poeta. Com relação à sua poesia comenta Silvio Romero:

²⁷ BROCA, Brito. (1958), Um precursor. In. Bernardo Guimarães . Românticos, pré-românticos, Ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro, p.298-299. Disponível em <<http://www.supervirtual.com.br/acervo/bn/htm>>. acesso em: 26/04/03.

²⁸ GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Ed. Três, 1973

Bernardo é daqueles poetas que lucram em ser relidos; descobrem-se-lhe muitas novas belezas

*Possui boas amostras de lirismo filosófico, naturalista, como em **Invocação e Ermo**; de lirismo filosófico, como em o **Devaneio do Céptico**, de lirismo amoroso, como nas **Evocações**; de lirismo humorístico, como na **Orgia dos Duendes**, no **Dilúvio de Papel**, em o **Nariz Perante os Poetas**.*

Mas isto não define o poeta, não o individualiza; será preciso descobrir uma nota que seja só dele; que o afaste de seus competidores. E esta nota eu a descobri: são as tintas sertanejas de sua paleta e o tom brasileiríssimo de sua língua.²⁹

Para Dilermando Cruz Bernardo era definido como:

Poeta, romancista, crítico folhetinista, jornalista .etc.

Bernardo Guimarães foi sempre grande e admirável. Dotado de um temperamento melancólico, espírito concentrado inimigo de exhibições, de uma timidez quase infantil. Bernardo teria ficado eternamente ignorado e esquecido, se os seus amigos e admiradores não procurassem arranca-lo a obscuridade com a qual ele tanto se comprazia.³⁰

Sua poesia é de inspiração Byroniana³¹, como também recebe influência de alguns franceses. Considerado por Antônio Cândido um artista irregular, sem requinte, não se preocupando com sua forma de escrita, deixando á sorte seus trabalhos. Sobre sua poesia comenta Cândido

A Poesia de Bernardo Guimarães lembra uma polpa saborosa envolvendo pequena semente amarga. É saudável, equilibrado na maior parte e de todo o romantismo a mais presa ao mundo exterior; aqui e ali todavia, surgem traços de azedume que nos casos extremos, vão ao satanismo e a perversidade, mostrando a marca do meio paulistano, onde formou(...) A porção mais valiosa de sua poesia é porém feita de encanto pela vida, a natureza, o prazer e essa melancolia vestibular tão freqüente nos voluptuosos pronta a ancorar nela um alicate a mais para a euforia da imaginação e dos sentidos.³²

Segundo Cândido, o sentimento que predominou nas obras poéticas de Bernardo foi o da natureza, pois o autor demonstrava uma grande admiração pela paisagem e pelo mundo exterior, sendo assim, para representa-la bem, utilizava-se de uma rara

²⁹ ROMERO, Silvio. *Historia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1980. p.9177.

³⁰ CRUZ, Dilermando (1879-1935) poeta, jornalista e orador.) Disponível em : < <http://www.geocities.com/athem> > Acesso em:26/04/03.

³¹ George Gordon Byron, poeta inglês (1788-1824) autor de *Peregrinações de Childe Harold* (1872), *Monfredo* (1817), *Dom Juan* (1819). Participou da insurreição da Grécia contra o domínio Turco e morreu vítima de febre. E o protótipo do herói e do escritor românticos.

³² CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981. p.169.

capacidade que possuía que era uma boa descrição. A maioria de seus versos tem um caráter tanto descritivo quanto evocativo, mostrando uma certa tendência para os sentimentos de solidão e saudade.

Antônio Cândido ressalta que Bernardo Guimarães possuía uma vida humorística “variada e rica, manifestando não apenas na produção oficial, mas numa vasta atividade oral de improviso e pilhéria, que entrou para a lenda junto às suas atitudes excêntricas”.³³

Segundo a opinião de Cândido, a obra do autor se encontra dividida da seguinte forma:

Num primeiro nível encontramos produção bem parecida à ligeira poesia íntima de seu inseparável Alvares de Azevedo: poemas leves e excelentes em que a graça e o devaneio equilibram o humor, como “Ao Charuto” ou “Minha rede”. A seguir vem outros em que o tema é impessoal e a intenção satírica: “O Nariz Perante os Poetas”, “Delírio de Papel”, “À saia Balão”. Daí passamos ao bestialógico, gênero em que brilhou produzindo peças da melhor qualidade, como os “Disparates Rimados” e o famoso soneto “Eu vi dos polos o gigante alado”.

Adiante encontramos a poesia obscena, outro ramo dileto de sua musa, e ela nos permite chegar a etapa final, em que o humorismo vai-se carregando de intenções obscuras até tocar no sadismo

Com efeito, se o divertidíssimo “Elixir do Pajé” pode ser considerado expressão dionisiaca e saudável ao priapismo de anedotário, já no poema de título irreproduzível, que o acompanha geralmente nas edições de Cordel, o sangue rutila na composição esmeradamente clássica, infiltrando estranhas manifestações de perversidade. Mais longe vai “Orgia do Duendes” encarada em geral como troça, mas que se pode considerar um dos fulcros do nosso satanismo.”³⁴

Sua poesia humorística e muitas vezes obscena, singularizou - o como poeta, sendo esta postura um herança dos tempos de boêmia de sua fase juvenil. Seus poemas satíricos como “A Origem do Mênstruo” o evidenciaram no panorama da época, distinguindo no mesmo intelectual aquele da prosa cuja moral da época pode ser vislumbrada, diferentemente daquele da poesia, cuja verve se torna, por vezes, libertina.

De todos ou quase todos os livros de Bernardo Guimarães, o escrito mais popular do autor dos De Cantos de Solidão é um poema obsceno intitulado Elixir do Pajé, e nunca foi impresso. É raro o mineiro que não o saiba de cor. Há na província espalhadas um sem-número de cópias desse Elixir inútil e brejeiro.”³⁵

³³ Ibidem, p 175.

³⁴ Ibidem., p.175.

³⁵ AZEVEDO, Artur de, (1855- 1908) teatrólogo, poeta e contista ..

Ao se referir ao Bernardo poeta, Silvio Romero chama atenção para o fato de que apesar do autor ser um sertanejo, um homem simples e acostumado à vida inteiorana ele não se mostra como uma pessoa que maldiz o progresso, Silvio enfatiza que Bernardo Guimarães não se apegava aos caboclos exagerados, tendo portanto um espírito liberal.

Para Silvio as obras poéticas nas quais o autor demonstrou de melhor forma seu grande talento foram: as cinco primeiras poesias da série “*Evocações*”. Em sua opinião nestas o poeta mostra-se em pleno lirismo pessoal, de forma amável e agradável. Com relação à crítica literária, o autor comenta que para se exercer a crítica deve-se conhecer não apenas os autores estrangeiros, e sim os nossos autores brasileiros. Neste sentido muitos se ocupam em apenas estudar os autores europeus, franceses, sendo raros os que se mostram conhecedores dos assuntos brasileiros.

O crítico destaca Bernardo como sendo um grande poeta, não sem defeitos, chamando atenção para o fato das vezes em que o poeta se mostra muito prosaico e superficial que causa um certo interesse inicial por parte do público, porém nem sempre conseguindo cativá-lo. De acordo com Silvio Romero:

*É preciso deixar de lado o método exterior de julgar os produtos literários por meio de convenções retóricas. É mister procurar em toda a vida nacional o elemento popular, vivo constante, criador.(....) Os livros dos novos e velhos poetas devem ser um corolário de nossa própria evolução(....) Bernardo Guimarães à luz de tais idéias, não é um desclassificado. Muito pelo contrário ele é elo normal, e uma das figuras mais interessantes da nossa literatura.*³⁶

Até o ano de 1866 o escritor tinha publicado apenas poesia, sua produção poética conhecida foi reunida em “*Poesias Completas de Bernardo Guimarães*”, com Organização, Introdução, Cronologia e Notas de Alphonsus de Guimarães Filho. Segundo ele:

*Bernardo Guimarães deu forma e expressão, em grande parte de seus poemas, a sentimentos de sua geração e de seu tempo. Como o “Devaneio do Céptico” em diversos outros poemas traduziu ele emoções ou estados de alma não apenas seus, mas de toda uma época.*³⁷

³⁶ ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1980. p.985.

³⁷ FILHO, Alphonsus de Guimarães . Bernardo Guimarães, Sertanista e Indianista. In: GUIMARÃES, Bernardo. *História e Tradições da Província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976. p. 9 – 32.

O novelista se revela a partir de 1869, ano em que publica seu primeiro romance “*O Ermitão do Muquém*.”, pela Casa Garnier. Entretanto, este romance, como alguns outros da época foi primeiramente apresentado em forma de folhetim.

Sodré com relação a isto, chama atenção para o fato de que a ficção romântica em livro ainda não era ideal para que se atingisse o público desejado, papel este que o jornal cumpria muito bem, ou seja a ficção romântica atingiu seu leitor através do folhetim, e mais tarde pelo livro. Na opinião de Sodré, isto justifica o fato de “que os escritores são também jornalistas, e é por isso que o livro é primeiro folhetim”.³⁸

Bernardo escreveu os prefácios de alguns de seus livros, dentre eles: “*O Ermitão do Muquém*, 1ª edição publicada em 1858, “*Poesias*” e “*Cantos de Solidão*”, 2ª edição, “*Evocações*” e o “*Índio Afonso*” 1ª edição em 1873, “*Novas Poesias*” 1876 e “*Folhas de Outono*”. Com relação a este fato comenta Bernardo:

*Não tenho por costume escrever prólogos ou preâmbulos, precedendo poucas e fracas produções literárias, que até aqui tenho entregado á luz da publicidade. Entendo que as explicações, que aí podem dar, as reflexões, que aí se expandem não lhes podem atenuar os defeitos, nem realçar o mérito, que porventura tenham..*³⁹

Em se tratando de Bernardo Romancista, Romero diz que ele “é merecedor de atenção pelo caráter nacional das suas narrações pela simplicidade dos enredos e pela facilidade do estudo”.⁴⁰

Se José Veríssimo o elogiou dizendo ser ele o “criador do romance Sertanejo e Regional”, como também dizendo ser Bernardo mais espontâneo que Alencar e Macedo, o crítico acaba por minimiza-lo perante estes, utilizando-se de uma expressão que a partir de então será usada por muitos outros críticos ao referirem ao escritor. Veríssimo o definiu como: “Um contador de história no sentido mais popular da expressão, sem a ingenuidade, às vezes excelente destes, porque em suma é um letrado e as suas letras lhe viciam a naturalidade”.⁴¹

³⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

³⁹ GUIMARÃES, Bernardo (do prólogo do livro “*Folhas de outono*”). Informações obtidas via Internet.

⁴⁰ ROMERO, Silvio. *Historia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José. Olympio, 1980. p. 987.

⁴¹ VERÍSSIMO, José. *Historia da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira 1601 à Machado de Assis* 1906. Brasília: Ed. UNB, 1981. p.261.

O crítico chega até mesmo a comentar sobre a data de publicação do livro de José de Alencar “*O Guarani*”, deixando claro que acredita que Bernardo ao escrever *O Ermitão de Muquem*, foi influenciado por esta de Alencar, apesar de formalmente este não apresentar influência do primeiro. Com relação à essa comparação Cândido diz que:

*Os romances deste juiz Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, parecem uma boa prosa de roça cadenciada pelo fumo de rolo que vai caindo no côncavo da mão ou pela marcha das bestas de viagem, sem outro ritmo além do que lhes imprime a disposição de narrar sadiamente o fruto de uma pitoresca experiência humana e artística. O Ermitão do Muquem é contado por um companheiro de jornada, e quase todos os outros livros não deixam de apresentar essa tonalidade de conversa de rancho.*⁴²

Com algumas exceções a maioria de seus livros se caracterizam por apresentarem este elemento, tão elogiados por alguns e também muito criticada por outros, que é a história contada em voz alta por um narrador, não estando entre essas exceções a obra da qual se trata este trabalho, *O Ermitão do Muquem*. Em relação a essa denominação de *Contador de Histórias*, justifica Coutinho:

*Bernardo Guimarães tem na realidade uma concepção muito primária de romance, em consequência da Influência dominadora que nele exerceu a literatura oral. Essa influência é muito mais fácil de ser comprovada não por numerosos dados biográficos mas principalmente por significativos trechos de seu romance. A organização de sua narrativa é quase sempre, a de uma história contada em voz alta e mesmo em obras que poderiam ser apresentadas como exceção como O Seminarista e Mauricio por exemplo mesmo nesses casos não é difícil perceber que o processo épico se organiza e desenvolve à custa de elementos tradicionais da narrativa oral. Daí porque é preferível considerá-lo mais contador de histórias do que romancista.*⁴³

Talvez o fundamento da crítica literária, por avaliar negativamente a oralidade de sua narrativa como um traço tão predominante em sua obra, tendo uma relação direta com a oposição entre o romancista e o narrador, apontado por Benjamim:

(...)A arte de narrar esta definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade esta em extinção. Porém esse problema vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma da decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo da uma nova beleza ao

⁴² CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981. p.236

⁴³ COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2.ed. p. 257

que esta desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forcas produtivas.

*O primeiro indicio da evolução que vai culminar na morte da narrativa e o surgimento do romance no inicio do periodo moderno. O que separa o romance da narrativa e que ele esta essencialmente vinculado ao livro*⁴⁴

Nessa perspectiva, a prosa de Guimarães é anacrônica, pois que, o narrador retira de sua experiência ou daquilo que lhe é relatado o fio condutor de suas historias, socializando-os. O romancista segrega-os. A origem do romance tal como o mundo burguês, é o indivíduo isolado, que não pode expressar abertamente suas preocupações, que não recebe conselhos e nem os dá. O romance anuncia a profunda perplexidade de quem vive, a narrativa oral, por esse viés é coletiva, inocente. Daí, quem sabe, o gênero literário de Guimarães não corresponde a moda intelectual de sua época.

Apesar de algumas de suas narrativas tratarem de regiões como São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas, o autor demonstra grande preferência pelas regiões do Oeste de Minas, do Sul de Goiás. O autor costuma descrever muito bem em suas obras, tanto os cenários, paisagens como também os costumes mineiros e goianos. “Bernardo tinha o gênio de um boêmio; era um caminhador; não apodrecia num canto; movia-se constantemente. Possuía o instinto do pitoresco”.⁴⁵

A maioria de seus romances giram em torno das fórmulas mais simples do romance de folhetim: o herói nobre, o patife e a heroína apaixonada, desenvolvendo a partir daí sua trama. Foi um dos poucos escritores românticos a utilizar a narrativa oral enquanto elemento de construção de sua obra. Entretanto, este é um dos pontos em que o autor, ora é elogiado, ora criticado de forma negativa.

Sempre que comparado à José de Alencar, Bernardo Guimarães recebeu por parte da crítica referências negativas, sendo seu talento pouco reconhecido, tendo sido acusado por muitas vezes de possuir uma linguagem pobre, um estilo fraco e ter pouca imaginação. Com relação ao Bernardo ficcionista, comenta Carpeaux:

Como romancista Bernardo Guimarães estreitou o nacionalismo de Alencar, tornando-se regionalista. Esse regionalismo é hoje o valor que a crítica ainda lhe atribui enquanto suas obras de ficção, cada vez mais divulgadas, caíram no domínio do gosto popular.

Um conhecedor como Manuel Bandeira considera superior ao romances de Bernardo Guimarães a sua poesia, que se situa porém mais perto dos

⁴⁴ BENJAMIM, Walter. O Narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte, política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. p.200/2001.

⁴⁵ ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1980. p.978.

*românticos individualistas, seus amigos de mocidade, Aureliano Lessa e Alvares de Azevedo.*⁴⁶

Suas obras mais conhecidas são: *Escrava Isaura* (1875), *O Seminarista* (1872) e *O Garimpeiro* (1872).

A *Escrava Isaura* se tornou um grande sucesso editorial, trata-se de um romance de tese com o qual o autor se integrou na campanha abolicionista. Este romance foi adaptado, tornando-se uma novela de grande sucesso da televisão brasileira, como também foi sucesso em vários outros países, só na China teve 870 milhões de telespectadores. Manuel Proença observa que:

*Numa literatura não muito abundante em manifestação abolicionista, e obra de muita importância, pelo modo sentimental como focalizou o problema, atingindo principalmente o público feminino, que encontrava na literatura de ficção derivativo e caminho de fuga, numa sociedade em que a mulher só saía à rua acompanhada em dias pré-estabelecidos; o mais do tempo ficava retida em casa, sem trabalho obrigatório, bordando, cosendo e ouvindo mexericos, isto é, enredos e intrigas, como se dizia no tempo e ainda se diz neste romance.*⁴⁷

Segundo Alphonsus, “*A Escrava Isaura*” é o romance mais conhecido de Bernardo Guimarães, tendo este atraído tantos leitores devido aos ingredientes característicos da escola romântica, sendo portanto um romance com uma narrativa fluente, e personagens bem definidos. O enredo da obra refere-se à uma jovem escrava branca, de finos modos pura e virginal, vítima de um senhor devasso e cruel.⁴⁸ Ao discorrer sobre a crítica que Amoroso Lima fez sobre essa referida obra, diz Lajolo:

*Ao agenciar um modelo literário nitidamente urbano, Bernardo Guimarães rompendo com o acerto com que narrara seus casos mais específicos enterregionalistas sobretudo e O Ermitão do Muquém, erra tom e melodia mas antes que a hipótese se enrijeça em tese, vale registrar que o desafino, intolerável a ouvidos crítico, parece não ter incomodado em absoluto o respeitável público que consumiu e continua consumindo muitos e muitos milhares de Escravas Isauras que inclusive migram com bastante sucesso para outras mídias*⁴⁹.

⁴⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. p.103.

⁴⁷ PROENÇA, Manoel.

⁴⁸ FILHO, Alphonsus Guimaraes. In: *Dois Romances: A Escrava Isaura e o Seminarista*.

⁴⁹ LAJOLO, Marisa. Regionalismo e História da Literatura: Quem é o vilão da História? In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Marcos César de Freitas(org). São Paulo: Contexto, 1998. p.311.

Com relação ao romance *O Seminarista*, comenta Alphonsus :

*O seminarista vivido na hoje cidade de Congonhas do Campo e na hoje Itapecirica, antiga Vila de Tamanduá tem sido apresentado como o melhor de seus romances.(...) levantando a tese do celibato, dos padres, contra o qual o autor se manifesta, Bernardo Guimarães construiu o romance, em sua maior parte, com verossimilhança que acertou o enredo e a trama*⁵⁰

O Seminarista conta a história de uma amor nascido ainda na infância entre Eugênio e Margarida. Os pais de Eugênio impõe à ele o seminário, separando-o de seu grande amor. Esta história tem um fim trágico, no qual o protagonista acaba enlouquecendo.⁵¹

Segundo Lopes, a crítica brasileira de maneira geral enxergou este romance como apenas mais um romance que trata o celibato clerical, interpretando-o como um romance de tese e comparando-o sempre com “*Eurico o Presbítero*” e “*O Crime do Padre Amaro*”. Destacando a questão da busca da realidade em Bernardo Guimarães, segundo Lopes, esta se apresenta como uma faca de dois gumes, pois se de um lado ele oferece uma impressão de uma realidade perfeita ao leitores menos exigentes, por outro lado sua forma característica de escrever como se falasse lhe causa algum problemas que poderiam ser evitados. Segundo ele:

*Se o autor se desse o mínimo de cuidado de cortar as excessivas repetições, apagar o ecos. E outros pequenos defeitos de seu discurso teria evitado a censura de desleixo com que sempre o acusam.*⁵²

Apesar desses pequenos problemas de correção, na opinião de Lopes, as narrativas do escritor são leves e movimentadas levando seus leitores na maioria das vezes à uma trama de final feliz, na qual há um prêmio para a virtude e um castigo para o vício. Em seus romances mostra-se um defensor dos bons costumes, diferentemente do boêmio e festivo Bernardo Guimarães dos poemas. Uma característica marcante na ficção e nas obras do autor é o fato da natureza, em suas descrições, aparecer modificada pelo homem.

⁵⁰ FILHO, Alphonsus Guimarães. Op. cit. p.11.

⁵¹ LOPES, Hélio. Como se pode ler o *Seminarista*. In: GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo:Ed. Ática, 1991.

⁵² LOPES, Hélio. Para se ler o *Garimpeiro*. In: GUIMARÃES, Bernardo. *O Garimpeiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1980. p. 7.

*De conformidade com o seu modo corrente de narrar e com a preocupação de retratar de maneira o mais real possível a vida dos habitantes dos lugares interiores, o estilo se enriquece de modismos familiares e populares, de comparações ou símiles extraídos do mundo circuncidante, formando uma homogênea e compacta unidade com o tema. Ao lado de provérbios e crenças da gente simples, há reminiscência clássicas ou eruditas de que Bernardo Guimarães sempre lança mão, revelando-se o homem de boas leituras e o professor de latim que foi*⁵³.

O Garimpeiro é um romance regional que conta a história de um amor proibido, na região do garimpo de Estrela do Sul, em Minas Gerais. O autor, como em outros romances, descreve a paisagem, mostrando a natureza com toda sua exuberância, como também mostra a vida e os costumes dos garimpeiros, colocando-se como também em outras de suas obras, em defesa dos bons costumes interioranos. Neste romance o fator desencadeante da trama será a fortuna.

Elias é um moço pobre, Lúcia uma jovem rica, eles se amam, mas não podem se casar, pois os pais de Lúcia desejam para a filha um bom casamento, que na visão destes significa dinheiro e não amor.

No enredo o autor irá opor a Corte e Província, Litoral e Sertão, traçando não apenas um retrato deste como também da cidade. Mais uma vez Bernardo Guimarães descreve o homem bom de coração, que encontra em seu caminho obstáculos para concretização de seus objetivos, sendo no caso deste romance a pobreza, o grande impecilho.

Também neste romance percebe-se o aparecimento de diversas forças superiores, demonstrando a heterogeneidade de crenças. Ao mesmo tempo em que relata sobre uma promessa feita à Nossa Senhora do Patrocínio, mostra a previsão feita por uma cigana. A escravidão é tratada de forma leve e superficial, embora o livro tenha sido publicado em 1872 e a abolição promulgada em 1888, o que deixa claro que o autor não desconhecia parte desse processo. Bernardo preferiu não se aprofundar neste assunto⁵⁴. Segundo Hélio Lopes:

O romancista mineiro escreve como conhecedor perfeito do espaço onde localiza a ação das figuras que movimenta na história. Embora pague sua dívida às imposições da ficção romântica estereotipando os personagens e os eventos, há um sentido profundo de realidade naquilo que narra. Talvez esse sentido profundo de realidade se perceba com maior nitidez nas obras de

⁵³ LOPES, Hélio. Como se pode ler o Seminarista. In: GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo: Ed. Ática, 1991. p. 7.

⁵⁴ LOPES, Hélio. Para se ler o Garimpeiro. In: GUIMARÃES, Bernardo. *O Garimpeiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1980. p. 7.

*Bernardo Guimarães, por nelas não aparecer aquele verniz de 'literatura' no mau sentido da palavra.*⁵⁵

Segundo Romero:

Quem se deleitar somente com os estudos de fisiologia e psiquiatria, que encontram nas obras primas do realismo contemporâneo, não poderá achar grande prazer nas pinturas rápidas e singelas de simples costumes populares que se lhe deparam nos romances de Bernardo Guimarães.

*Quem porem, acha algum interesse em tudo que é humano, em toda e qualquer manifestação do viver de um povo, pode e deve ter nos romances do mineiro belos quadros põem todos eles esparsos.*⁵⁶

Nelly Coelho em seu texto, *Sertanismo e Regionalismo: Bernardo Guimarães*, chama a atenção para os equívocos cometidos pela crítica em relação à Bernardo Guimarães. Segundo a autora, dentre alguns escritores que buscaram chamar a atenção no sentido de valorizar o escritor mineiro está João Alphonsus que, assim como Antônio Cândido, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira, destaca a qualidade de poeta do escritor, enquanto Monteiro Lobato, Alcântara Machado e Wilson Martins, foram alguns dos que de forma negativa muito contribuíram para a depreciação do autor⁵⁷. Wilson Martins, assim como José Veríssimo, deixa claro sua opinião com relação ao *Ermitão do Muquém*. segundo ele:

*Instigado de toda evidencia pelo enorme sucesso de Guarani, em 1836/1857, e fascinado pelos caminhos que ele claramente abria a ficção brasileira, Bernardo Guimarães pôs-se a lembrar o Ermitão do Muquém desde 1858, data da nota preliminar 'Ao Leitor', mas o livro só foi publicado como folhetim do constitucional de Ouro Preto, entre setembro de 1866 e Junho de 1867, o que lhe deu certamente tempo suficiente para ler Iracema e sucumbir recomposição, a mais essa influencia alencariana. O romance só entrou realmente no circuito literário três anos mais tarde(1869), ao aparecer em forma de livro, isso dissimulou pela distancia no tempo e por causa da data involuntariamente enganadora da nota preliminar, o que ele representa como imitação infelizmente mal sucedida, daquelas obras celebres de Alencar.*⁵⁸

⁵⁵ Ibidem.p.7.

⁵⁶ ROMERO, Silvio. *Historia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro : Ed. José. Olympio, 1980. p. 990.

⁵⁷ COELHO, Nelly Novaes. *Sertanismo e Regionalismo: Bernardo Guimarães*. In: *Seminário João Alphonsus: a ficção mineira de Bernardo Guimarães aos primeiros modernistas*. Conselho Estadual de Minas Gerais, p. 9-49.

⁵⁸ Ibidem, p.26.

Segundo Nelly, o escritor mineiro tem sido quase sempre considerado um escritor menor quando comparado a Alencar, pois este correspondia as expectativas da cultura oficial da época, enquanto Bernardo, nesta busca pela identidade nacional que se encontravam os românticos e era mais realista. Com relação à linguagem utilizada pelo escritor em suas obras, e ao fato de ele ter sido sempre citado pela crítica como possuidor de linguagem pobre, e estilo fraco, para a autora essas críticas tiveram como paradigma as obras alencarianas. Na opinião de Nelly, um dos que primeiro apontaram as razões por Bernardo ter sido tão incompreendido pela crítica foi Heron de Alencar. Segundo este o autor:

Numa época em que a imaginação tinha maior lugar que a observação, o aparecimento de um romance que descrevesse aspectos da vida das populações sertanejas, inclusive com registro de usos e costumes, de festas e tradições, devia perturbar a crítica, como foi o caso do Ermitão do Muquém, agravando-se a desorientação em face da classificação feita, no prefácio, pelo próprio autor. E terá sido a partir disso provavelmente que se vem repetindo a inclusão de Bernardo Guimarães nos quadros do realismo do séc. XIX, posterior ao Romantismo.⁵⁹

Para Antônio Soares Amora em *História da Literatura Brasileira*, pode-se observar nas obras do escritor mineiro uma certa inconstância, não lhe faltando talento para escrever. Entretanto, em sua opinião, não soube administrá-lo para construir uma obra que o consagrasse. Poderia ter sido muito mais conhecido como poeta, pois tinha muitas qualidades, porém não teve firmeza e acabou se tornando um autor de segunda categoria⁶⁰.

Acaba, segundo Amora, na tentativa de procurar agradar a todas as correntes em voga na época influenciado pelo romance que estava na moda, gênero criado por Teixeira e Souza e José de Alencar, o autor criou *O Ermitão do Muquém*, logo mais teve também seu romance indianista *O Índio Afonso* e, por fim, sua novela abolicionista. O autor ao analisar o romancista propõe:

Não julguemos Bernardo só pela instabilidade de suas inclinações literárias, a bem da justiça crítica reconheçamos que logrou ser um dos mais populares de nossos escritores(pensemos nos leitores que há mais de um século tem a Escrava Isaura) e que lhe ficamos a dever a descoberta de um tipo de " realidade brasileira" cheio de interesse para o " romance nacional "que estávamos então empenhados em realizar? O Brasil central, do Oeste mineiro e

⁵⁹ Ibidem ,p.28.

⁶⁰ AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo. Editora Saraiva, 1973.

*do Sul de Goiás, com sua peculiar paisagem, rústica mas encantadora, com seus típicos sertanejos, com seu lugares(violentos, sanguinários, mas perfectíveis) e com seus originais usos e costumes.*⁶¹

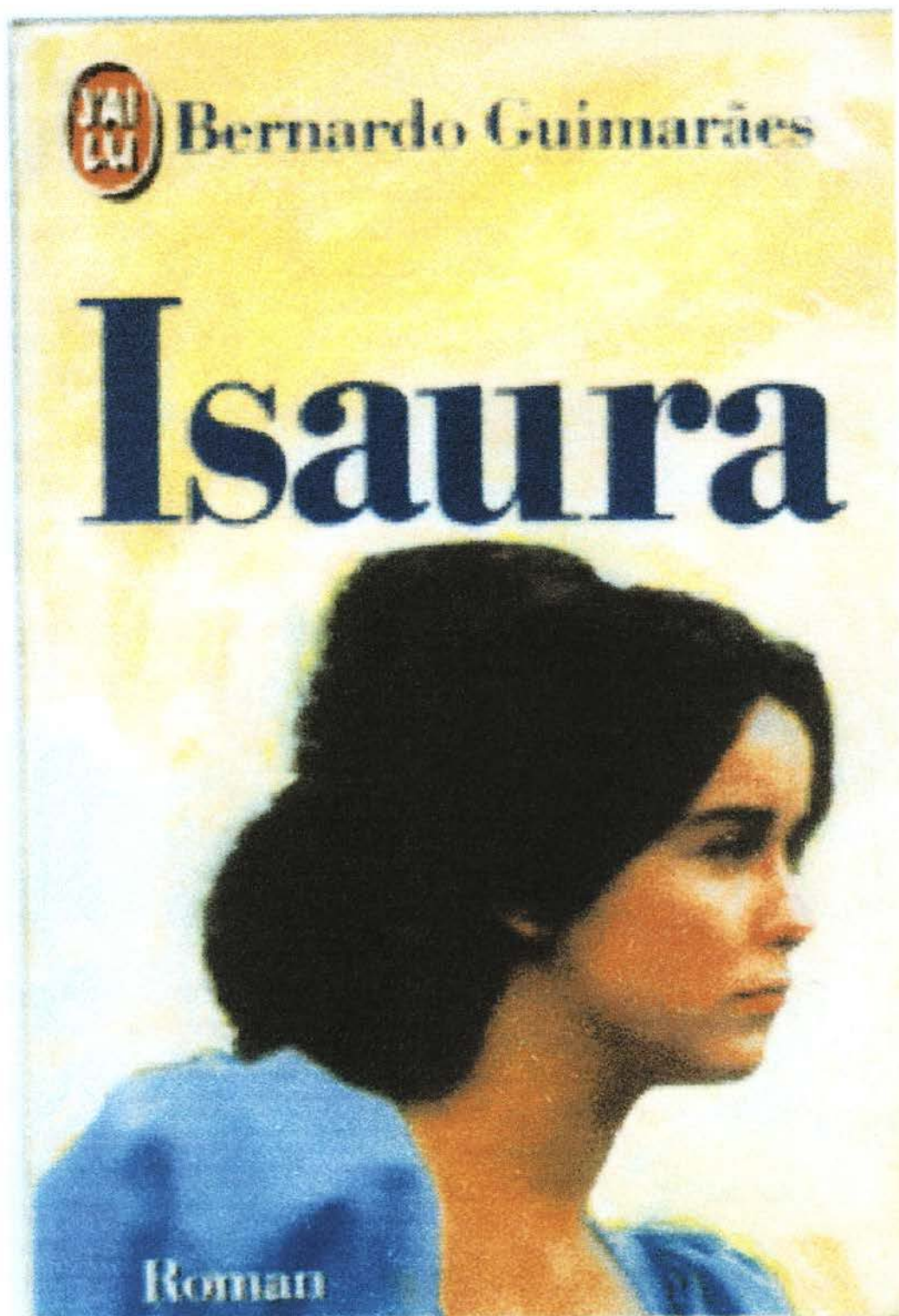
Este, talvez seja um convite para repensar a obra de Bernardo Guimarães e, mais que isso, investigar sua poesia, tão decantada.

⁶¹ Ibidem, p.114.

Quadro das Principais obras de Bernardo Guimarães 1825-1884					
DATA	ROMANCE	DATA	POESIA	DATA	OUTROS
1869	O Ermitão do Muquém	1852	Cantos de Solidão	1914	Teatro; A Voz do Pajé
1871	Lendas e Romances	1865	Novas Poesias(inclui Cantos de Solidão, Inspiração da Tarde, Poesias Diversas e Evocações à Bahia de Botafogo)	s/d	Os Dois Recrutas
1872	O Garimpeiro	1876	Novas Poesias		
1872	Lendas e Tradições da Província de Minas Gerais	1883	Folhas de Outono		
1872	O Seminarista				
1873	O Índio Afonso				
1875	A Escrava Isaura				
1877	Maurício ou Os Paulistas de S. João Del Rey				
1879	A Ilha Maldita				
1879	O Pão de Ouro				
1883	Rosaura, a Enjeitada				
1904	O Bandido do Rio das Mortes				

Fonte: Editora Ática

Seguem-se as capas de alguns dos livros mais conhecidos de Bernardo Guimarães:



Capa do livro de bolso da edição francesa d'A Escrava Isaura - a editora Romam preferiu chamar a obra de apenas Isaura. A edição é de 1986. A moça é Lucélia Santos.

Bernardo Guimarães
O GARIMPEIRO



Série Bom Livro Edição Didática

Bernardo Guimarães
O SEMINARISTA



Série Bom Livro

ea
editora atica

CAPITULO II

RELIGIOSIDADE POPULAR E LITERATURA REGIONAL

2.1 A ORIGEM DO CULTO À NOSSA SENHORA DA ABADIA

Consagração a Nossa Senhora d' Abadia de Muquém- GO

*O Senhora da Abadia, eu me ofereço todo a vos. E em prova da minha devoção para convosco, eu vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração e inteiramente todo o meu ser .E porque assim sou vosso, o incomparável mãe da Abadia, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Amem*⁶²

Em algumas datas e especiais era costume na antigüidade a realização de ritos fúnebres em túmulos de membros de famílias. Esse costume foi também seguido pelos cristãos, que entretanto, não utilizavam a remoção dos seus mortos e além dos ritos introduziam também a eucaristia. Após a paz de Constantino, essas celebrações atraíram multidões. Nos túmulos eram então erguidas basílicas para acolher à todos aqueles que vinham venerá-los. Eram adorados não apenas aqueles que em vida professaram a fé em Cristo, como também aqueles que em vida enfrentaram grandes sofrimentos, porém com fé⁶³.

"Santo" nos primeiros anos do cristianismo era considerado apenas um outro nome comum dado a um cristão. Mais tarde chegou-se à conclusão que deveria ser um título atribuído aqueles cuja santidade fosse comprovada, entretanto não existia ainda nada oficial com relação a isso A Igreja decidiu portanto que os santos deveriam ser declarados pelo Papa, sendo aceitos então como tal .A partir do século XII , para se obter o título o "candidato "deveria

⁶² Oração obtida no folheto : *Origem da Devoção a Nossa Senhora da Abadia* (Cúria Diocesana de Uruaçu), p.1.

⁶³ MANZAN, Maria Aparecida R. et. al. Santos do céu ... Santos da terra ... Santos do povo. In: *Revista Documentos e História*. APU, n. 06. 2000

*passar por uma rígida investigação, sendo necessário portanto uma série de comprovações.*⁶⁴

Conta a história que ao norte de Portugal na freguesia de Santa Maria do Bouro, durante a invasão da península Ibérica, no Século VIII, os mouros destruíram em Braga, as igrejas, mosteiros e cartórios eclesiásticos.

Os cristãos que fugiram esconderam a imagem de Nossa Senhora do Bouro entre os penhascos no Monte de São Miguel, em uma gruta. No século XI havia um homem querido e muito considerado na corte de D. Henrique de Portugal chamado Paio Amado, que casou-se com a dama da Rainha Dona Teresa chamada Munia Mendes Guterres. Esta faleceu no parto de uma menina, vindo mais tarde também esta a falecer. Paio Amado, muito triste, resolveu partir e refugiou-se na ermida de São Miguel, perto de Braga, dedicando-se à vida religiosa, onde havia também o ermitão Frei Lourenço.

Provavelmente no ano de 1107, os dois ermitãos tinham por costume caminhar à noite pelas proximidades. Em uma das noites que tinham saído Paio Amado viu uma claridade no vale que ficava logo abaixo das ermidas. Durante a noite seguinte ocorreu a mesma coisa, então os dois resolveram procurar qual a causa daquele clarão que tinham visto, e acabaram encontrando a Imagem de Nossa Senhora. Rapidamente a notícia chegou a Braga, de onde saiu pessoalmente o arcebispo para visitar o local, onde mandou edificar uma igreja.

Abadia significa lugar onde mora o Abade, ficando a imagem conhecida por Nossa Senhora da Abadia. Sendo dos cultos marranos um dos mais antigos de Portugal, entretanto e mais conhecido na região norte, principalmente na Arquidiocese de Braga. Propaga-se a partir do século XVI com a expansão colonial⁶⁵. “O venerando santuário de Nossa Senhora d’ Abadia, situa-se na freguesia de Santa Maria do Bouro, concelho de Amares, distrito e arquidiocese de Braga”⁶⁶

No Brasil, durante o século XVII o centro oeste e o triângulo mineiro foram as regiões onde o culto à Nossa Senhora da Abadia foi mais difundido sendo, Muquém(GO) e Romaria (MG) os focos principais dessa propagação.⁶⁷ Muquém é um

⁶⁴ Manzan., Maria Aparecida R. et. Al. Santos do Céu ...Santos da Terra...Santos do Povo. *Revista Documento e História*. APU, n. 6. 2000.p.11.

⁶⁵ MANZAN, Maria Aparecida R. et. al. Santos do céu ... Santos da terra ... Santos do povo. In: *Revista Documentos e História*. APU, n. 06. 2000

⁶⁶ VIEIRA, Mons. Primo. *Nossa Senhora da Abadia: A história de uma devoção*. Publicação da Academia Senhora da Abadia do santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja. Romaria, 2001.

⁶⁷ Manzan., Maria Aparecida R. et. Al. Santos do Céu ...Santos da Terra...Santos do Povo. *Revista Documento e História*. APU, n. 6. 2000.

povoado do Estado de Goiás distante 45 quilômetros de Niquelândia, antiga São José do Tocantins. Muquém nasceu por volta de 1750 e 1790, tempo do garimpo forte, local pouco conhecido, porém muito famoso devido ao santuário de Nossa Senhora da Abadia.⁶⁸



● Provável localização de Muquém

⁶⁸ VIEIRA, Mons. Primo. *Nossa Senhora d'Abadia: A história de uma devoção*. Romaria: Publicação da Academia Senhora da Abadia do santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, 2001.

Em 1700 são descobertas as minas de Caeté, Sabará, Vila Rica e Ribeirão do Carmo. O que ocasionou a multiplicação das expedições para a região da “Gerais”, que rapidamente foi povoada, constituindo um importante ponto econômico da Colônia no século XVIII. Alguns anos após esta exploração econômica, as expedições em busca destas riquezas minerais adentram-se para o Centro - Oeste em direção à Goiás e Mato Grosso.

Uma das representações a respeito do surgimento deste lugar que se tornaria, um cenário importante devido a sua festa religiosa nos informa que:

Quando a mineração se encontrava com grande expressão em Água Quente, Cocal, Traíras, São José do Tocantins, em outros vários lugares onde era forte a febre do ouro, um certo capitão saiu a procura de alguns negros fugidos, prometendo que se os encontrasse construiria uma capela em homenagem ao santo daquele dia. Em um ano desconhecido, no dia 20 de dezembro, o capitão e sua companhia avistaram dentro de uma mata densa algumas choupanas e negros que se agitavam ao redor delas. O capitão resolveu esperar terminar os folguedos para atacá-los, quando os negros já estavam cansados e entregues ao sono, ele julgou ser a hora certa capturando-os e entregando-os aos seus antigos senhores. Tal como havia prometido, o capitão mandou construir uma igreja em homenagem a São Tome, cujo dia era o que tinha obtido sucesso em sua missão. O Local ficou conhecido como Muquém.⁶⁹

Com relação ao surgimento do culto à Nossa Senhora da Abadia em Muquém apresentaremos duas versões diferentes, mas não excludentes. A primeira a ser trabalhada refere-se à versão contada pelo autor Bernardo Guimarães em seu livro: **O Ermitão do Muquém.**⁷⁰

⁶⁹ folheto: *Origem da Devoção a Nossa Senhora da Abadia*. (Cúria Diocesana de Uruaçu, GO)

⁷⁰ Ermitão de acordo com o *Dicionário de Símbolos* significa: O Enamorado (Carta de Tarô). Desligado do mundo e de suas paixões, ele o filósofo hermético por excelência e a maneira incorreta como o tarô registra seu nome em francês, com H, sublima de maneira indiscutível a ligação simbólica com Hermes senhor todo poderoso dos puros iniciados.

2.2 ENTRE O BEM E O MAL : O ERMITÃO DO MUQUÉM

Os ermitões dos séculos XV a XIX viviam um modo de vida consagrado ao serviço religioso, sem assumir necessariamente as ordens religiosas. Embora herdeiros do ermitões da Idade média, distinguiam-se destes assim como os monges da Antigüidade Ocidental, em dois aspectos. Primeiro o ideal de vida perfeita não é mais o isolamento- o que geralmente dava origem a uma comunidade de homens que se colocavam a serviço do povo. Segundo, o centro do culto se desloca da pessoa do ermitão para a imagem do santo, e a manutenção da devoção se constitui na principal finalidade do ermitério. Poucos ermitões deste período se tornaram santos aos olhos do povo local.⁷¹

O romance de Bernardo Guimarães conta a História da fundação da Romaria de Muquém. A obra divide-se em três partes intituladas: Pouso Primeiro, Pouso Segundo e Pouso Terceiro. A trama gira em torno de três personagens principais: Gonçalo, Reinaldo e Maroca. Estes personagens viviam na cidade de Vila Boa, Goiás. Gonçalo era filho de família rica, entretanto fora criado muito solto e devido à isso não havia recebido uma boa educação. Havia ele, portanto, se tornado um moço inquieto e valente, estando sempre envolvido em más companhias. Manejava bem todos os tipos de armas que conhecia, sendo considerado um grande desordeiro. Era supersticioso, trazia consigo um amuleto que um feiticeiro havia lhe dado e no pescoço um relicário com a imagem Nossa Senhora da Abadia. Entre seus amigos e companheiros de farra havia um único que ousava desafiar-lo. Este chamava-se Reinaldo, moço de boa índole, leal, que ainda não havia se corrompido pela más influências dos outros do grupo.

Gonçalo e Reinaldo eram muito amigos, porém essa amizade se abalava quando estes se colocavam à medirem forças, pois Gonçalo não gostava de se sentir desafiado. Maria tinha mais ou menos dezoito anos, era uma jovem bonita, alvo de desejos de muitos rapazes, talvez por isso, muito leviana. Era mais conhecida por Maroca, vivendo com Reinaldo, sendo a razão da vida deste.

Em uma festa, Gonçalo, após ter procurado por toda a cidade e não ter encontrado alguém com quem ele pudesse conseguir algum desentendimento, resolve provocar Reinaldo e começa a se aproximar de Maroca. No fim da festa Gonçalo e

⁷¹ STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa* – Ba. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. p. 110.

Maroca fogem juntos para desespero de Reinaldo, que parte logo após à procura dos dois.

No encontro Gonçalo mata Reinaldo e foge. A partir de então Maroca perde os sentidos, passando a viver como se estivesse presa à outro mundo. Gonçalo passa um bom tempo em uma tribo dos Índios Coroados, onde ele se dava muito bem, pois manejava todos os tipos de armas e por sua valentia era muito respeitado. Entretanto, após algum tempo os Coroados começaram a estreitar relações de amizades e negócios com o brancos goianos. Temendo que sua condição de fugitivo fosse descoberta Gonçalo resolve abandoná-los.

Cinco anos passado o crime às margens do rio Tocantins, encontrava-se uma grande tribo, a Nação dos Xavantes, esta tribo não tinha contato com os brancos e os considerava inimigos mortais, sendo conhecida por ser uma tribo muito cruel e perigosa. Os índios acabam avistando Gonçalo e o atacam, porém, apesar da grande desigualdade de forças, ele luta ferozmente contra todos e mata muito selvagens, tantos que eles ficam receosos por estarem lutando não com um homem, mas com um espírito mal, contudo eles acabam acuando o forasteiro e um guerreiro forte e jovem trava com ele uma luta corpo a corpo, capturando quase morto. Os selvagens queriam devorar o cadáver do “Imboaba” todavia o jovem guerreiro que o vencera não permite, pois considerava aquele homem como um importante troféu e, sendo assim, o levaria ao chefe da tribo para que fosse oferecido em sacrifício no dia de sua união com a filha do cacique.

O jovem guerreiro se chamava Inimá e à ele estava prometida a filha do cacique Oriçanga, que se chamava Guaraciaba, um bela índia órfã de mãe. Gonçalo é levado ao chefe da tribo, este fica furioso com Inimá por ter permitido que tantos guerreiros fossem mortos naquela luta, se ele sozinho vencera o forasteiro. Inimá então diz ao chefe que curem-no para que eles possam lutar novamente e assim destruí-lo. Oriçanga concorda com o jovem e confirmando que Gonçalo será então oferecido em sacrifício no dia da união de Inimá e Guaraciaba.

O refém é acolhido na taba do cacique sob os cuidados de Andiara o mais sábio e mais respeitado dos pajés, sendo este auxiliado por Guaraciaba que passa a devotar grande dedicação ao doente. Ficando muito feliz ao perceber que Gonçalo está vivo e que fala sua língua, a índia o leva à presença do cacique para que ele possa contar que ele não é um inimigo. Gonçalo consegue convencer Oriçanga, e passa a ser chamado de Itajiba, mesmo assim o cacique lhe ordena que ele se restabeleça totalmente para que

pudesse provar sua valentia e lealdade aos Xavantes. A jovem índia Guaraciaba, que desde o primeiro momento se tinha afeiçoado ao forasteiro, começava a sentir um sentimento mais forte não se importando com as suas conseqüências. Itajiba que já havia notado os sentimentos que a jovem por ele nutria se preocupava, pois sabia que isso poderia lhe trazer grandes problemas. Quando se restabeleceu Itajiba mostrou toda a sua lealdade e valor, começando a sentir que seu sentimento pela jovem Guaraciaba tornava-se verdadeiro e cada vez maior, preocupando-se cada vez mais, pois Guaraciaba estava prometida a Inimá desde a infância e ele sabia que o jovem não renunciaria ao amor da índia.

Guaraciaba resolve confessar ao seu pai o amor que sentia por Itajiba e seu desafeto por Inimá. O cacique dividido entre suas promessas de chefe e seu amor paternal convoca os anciãos e pajés da tribo para que o futuro de sua filha fosse decidido. A solução considerada justa foi a de que os dois guerreiros deveriam partir em duas expedições distintas cada qual para um lado oposto, cada qual com uma missão. Itajiba deveria subir rio acima, penetrar no território do inimigo, sempre que encontrasse brancos deveria saquear suas fazendas e hostiliza-los, indo de encontro às bandeiras que encontrasse, deveria seguir até as postas de Vila Boa. Inimá tinha a missão de transpor o rio, enveredar pelas florestas e levar a guerra à tribo dos Caiapós, expulsando-os para o mais longe possível do rio.

Itajiba e sua expedição promove grande devastação nas terras do alto Tocantins. Sem encontrar obstáculos ele avança até as imediações de Vila Boa e decide ser a hora de voltar. Quando retorna à tribo traz muitas armas de vários tipos, jóias, enfeites e fazendas, aumentando assim o respeito e admiração que a tribo tinha por ele. Foi recebido como um grande herói, muitas comemorações foram feitas em sua homenagem, sendo até mesmo adotado e para isso foi realizada uma grande cerimônia.

Inimá não obteve tamanho sucesso e resolve voltar, embora houvesse conseguido algumas vitórias. No início sua inexperiência falou mais alto e viu-se então derrotado. Externamente furioso ao se aproximar da tribo e perceber que Itajiba foi o vencedor ele entrega-se ao ódio e resolve se vingar de Itajiba. O Guerreiro cheio de orgulho decide não voltar à tribo como um derrotado, ficando às margens do rio arquitetando seu plano. O guerreiro vencedor já não mais se interessa apenas pelo amor de Guaraciaba como também já traça planos de dominação. Acreditava ele que tendo dominado a nação dos Xavantes seria temido até mesmo pelo governo de Goiás e isto

lhe colocaria em uma situação muito boa, pois iria negociar com o governo a submissão ou não dos índios ao Estado, segundo suas condições.

Guaraciaba e Itajiba se casam e a ele foi passado o comando da tribo. Entre os guerreiros que tinham se salvado com Inimá encontrava-se um irmão de Guaraciaba por parte de mãe, chamado Anhambira, muito semelhante a Inimá. Ele manda Anhambira a tribo para cumprimentar sua irmã pela união, o guerreiro feliz vai e lhe promete voltar. Entretanto, com Anhambira segue outro guerreiro. Este, já instruído, convence o jovem ingênuo a se esconder antes de chegar na tribo sob a justificativa de que Itajiba poderia confundi-lo com Inimá pois ainda não o conhecia. Concordando seu companheiro vai ao encontro de Guaraciaba e anuncia que seu irmão estava vivo e na tribo, justificando que ele não fora ao seu encontro devido à sua amizade por Itajiba.

Os dois irmãos se encontram e nesse mesmo momento o guerreiro procura Itajiba e lhe diz que Guaraciaba está com Inimá e o leva até o local em que se encontravam, abraçados os dois irmãos caem atravessados por uma mesma flecha que parte do arco de Itajiba. Em pouco tempo percebendo o que tinha realmente feito, Itajiba parte para o rio onde Inimá se encontrara travando um duelo do qual nenhum sairia vitorioso. Cada um de arco encurvado para o peito do outro, dentro de uma pequena canoa no meio do rio. Antes de se iniciar o combate Itajiba, como sempre fazia, beijou a imagem da santa virgem, mas não se lembrou de tocar no amuleto. Ao sinal as duas flechas foram disparadas, Inimá caiu no rio, Gonçalves continuava de pé. A flecha disparada por seu inimigo era certa em seu peito, porém caiu aos seus pés sem tocá-lo, pois a flecha encontrou um obstáculo: a medalha..

Vinte anos após a morte de Reinaldo o nome de Gonçalves só era lembrado pelos mais idosos e de muita lembranças. Maroca continuava fora de si, vivendo amparada por mestre Mateus e sua esposa dona Josefa. Foi quando começou a correr notícias em Goiás sobre as curas obtidas através da intercessão de Nossa Senhora da Abadia, que era adorada em uma capela em um lugar chamado Muquém. Contava-se que essa capela fora erguida por um santo ermitão com a ajuda de esmolas e contribuições do povo, e que o mesmo tinha encontrado a imagem da virgem às margens do córrego das Lágrimas. O Ermitão era um homem humilde e ocupava seu tempo com orações e penitências. A fama do ermitão e as curas ali realizadas provocaram em pouco tempo Romarias e peregrinações.

Mestre Mateus e dona Josefa resolvem ir na romaria do Muquém para pagar a promessa que tinham feito à virgem de levar Maroca e assim o fizeram. Levavam como

oferta um rosário de ouro, com uma medalha na qual estava esculpida a imagem de Nossa Senhora, semelhante a que Gonçalo possuía e entregam-na ao ermitão. Maria e Gonçalo se encontram, ele pede perdão a ela, que o reconhece e se cura. Gonçalo conta-lhes tudo o que se passou após seu primeiro crime e como foi o último acontecimento que o tinha livrado da morte e que a partir de então ele tinha compreendido que somente com uma vida de penitências e orações ele poderia ser perdoado.

2.3 A PERSPECTIVA DO LIVRO: ANÁLISE CRÍTICA

O romance mostra cenas cotidianas da vida do homem do sertão no século XVIII., caracterizado por uma descrição pormenorizada das paisagens mineiras e goianas. Segundo Prado: ‘ O sertão sempre se caracterizou como um dos espaços da criação romanesca, desde o romantismo até nossos dias’⁷².

Janaína Amado, em seu texto *Região, Sertão, Nação*, traz variadas definições da palavra Sertão. A autora vem chamar a atenção para o fato de que a palavra enquanto categoria do pensamento social brasileiro, principalmente no que se refere à historiografia, está presente desde o século XVI, seja nos relatos e cartas dos viajantes que passaram por nosso país, como também a partir século XVII, torna-se figura importante nas primeiras elaborações da História do Brasil.⁷³

O sertão , segundo Amado, por volta de 1870 e 1940, passou a ser uma categoria essencial a todo tipo de historiografia que objetivasse descrever a nação brasileira. Esta categoria ocupa um importante lugar na formação da literatura brasileira, seja na literatura de Cordel e na oral, como também em obras literárias consideradas cultas.

Lugar preferido por grande parte dos autores românticos, o sertão é abordado por alguns autores como Bernardo Guimarães e José de Alencar, obtendo ainda maior importância na literatura realista com autores como Franklin Távora, Coelho Neto e Afonso Arinos. No sentido de mostrar a construção do sertão enquanto categoria, bem como ocorreu sua construção , Amado nos remete ao século XIV, quando essa palavra era utilizada pelos portugueses ao se referirem a áreas que se encontravam dentro de seu país, porém longe da capital. A partir do século XV, passa a designar espaços interiores dentro das terras que conquistaram e que ainda não conheciam, sendo a palavra utilizada até fins do século XIII pela coroa portuguesa. Segundo a autora:

*A descoberta, a partir do final do século XVII, e início do XVIII, de grande quantidade de ouro, em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, e a conseqüente explosão demográfica, acumulação de fortunas, fundação de núcleos, urbanos e implantação da pesada burocracia lusa não foram capazes de modificar substancialmente os significados do ‘Sertão’.*⁷⁴

⁷² PRADO, Adelmo Ferreira In: *Revista Pós História*. São Paulo, Assis, 200^o, p.167-185.

⁷³ AMADO Janaína. *Região, Sertão, Nação*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, FGV, vol. 8, n. 15, Jan/Jun 1995, p. 145-151.

⁷⁴ *Ibidem*.

A empresa colonial foi montada dentro dos princípios mercantilistas da época moderna, privilegiando a produção de gêneros agrícolas de exportação e a atividade extrativa. Devido à ausência de metais preciosos, a colônia foi montada com uma estrutura baseada no povoamento, na defesa e na produção de artigo de real interesse no mercado europeu, constituindo-se um novo estilo de colonização.

O Sistema Colonial então determinou o modo da produção dos artigos de exportação, a partir dos interesses da burguesia metropolitana, sendo, portanto, outros elementos definidores desse sistema o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo.

O latifúndio e a grande propriedade tornaram-se realidade diante da necessidade de uma produção em larga escala de um produto que conseguisse uma boa aceitação no mercado europeu. Portanto a escravidão se impôs como mão-de-obra capaz de atender a essa grande produção, em um grande território. A empresa açucareira montada a partir de 1530, obedeceu aos fatores citados acima. O alto custo de investimento inicial explica o fato de ser o latifúndio o tipo característico de propriedade que se dispunha a produzir o produto por um baixo custo. Até meados do século XVII o açúcar brasileiro praticamente não tinha grande concorrente no mercado europeu. Entretanto, com a União Ibérica(1580-1640), os holandeses, foram proibidos pelos espanhóis de se envolverem no refino e distribuição do produto. Estes, ocuparam a Bahia e Pernambuco, como não obtiveram êxito com suas empresas, acabaram sendo expulsos por volta de 1654, passando a produzir açúcar nas Antilhas, provocando o declínio da produção açucareira no Brasil.

Com a decadência da atividade açucareira a Coroa incentivou os movimentos bandeirantes, objetivando encontrar novas atividades que pudessem proporcionar maiores lucros. Algumas expedições tinham por meta aprisionar os índios, sendo as reduções jesuítas os alvos principais, pois os índios que ali se encontravam já realizavam muitos trabalhos agrícolas e podiam ser vendidos como escravos, enquanto outras eram contratadas para destruir o quilombos e capturar os escravos fugidos.

Na segunda metade do século XVII, o movimento bandeirante ganhou grande impulso, tendo em vista que muitas expedições adentraram pelo interior à procura de metais e pedras preciosas. Foi em 1693 a primeira notícia oficial da descoberta do ouro. O metal atraiu então a atenção da Coroa que regulamentou minuciosamente sua extração. O ouro passa a ser considerado monopólio da Coroa, que concedia liberdade de extraí-lo a quem se dispusesse ao trabalho, desde que fossem pagos os impostos. A

Intendência da Minas era responsável pela fiscalização, devendo policiar a região, distribuir os lotes aos que se interessassem, dirigir a exploração e arrecadar os impostos.

Na região mineira a população cresceu de modo vertiginoso, os colonos ao se dirigirem para esta região não terão com a nova atividade a mesma estrutura de posse da terra, sendo a região povoada por indivíduos das mais diferentes procedências. O comércio também teve um grande desenvolvimento em consequência da mineração. Há o aparecimento dos tropeiros, comerciante, elementos do clero, artesãos e profissionais liberais. O trabalho de extração era reservado ao escravo, considerado apenas como instrumentos de trabalho. No entanto, a carta de alforria nestas regiões eram obtidas com maior facilidade que nas outras regiões.

Durante o século XVIII, os diamantes foram explorados em Minas Gerais, no Arraial do Tejuco (Diamantina), sendo a região alvo de policiamentos e grande fiscalização. As razões da decadência da mineração dizem respeito inclusive à falta de recursos técnicos. A própria administração concorria com sua política ostensiva para desestimular o aperfeiçoamento das técnicas, portanto quando as jazidas aluviais se esgotaram, o ouro subterrâneo não pôde ser explorado.

A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso revelaram-se os últimos redutos de uma mineração tardia cuja exploração do ouro e do diamante prolongou-se até metade do século XIX, quando entrou em decadência. O romance de Bernardo Guimarães situa-se nesta desarticulação da economia mineradora mineira.⁷⁵

Logo no início do romance de Bernardo podemos perceber a presença do narrador que se encontrava fazendo uma viagem com outros dois companheiros, que estavam saindo de Minas em direção à corte. A história da fundação de romaria de Muquém consiste em uma longa narrativa, contada todas as noites pelo viajante, daí o autor intitular as diversas partes do livro como Pouso Primeiro, Segundo e assim por diante. Segundo Nelly Coelho os motivos que servem de base ao autor na construção de sua obra são de ordem, histórica, religiosa, psicológica, sociocultural, popular e mítica.

⁷⁵ Tal contextualização foi baseada nas seguintes obras:

PILLETI, Nelson. *História e Vida Integrada*. São Paulo, Ática, 2001.

MONTELLATO, Andréa Rodrigues Dias. *História Temática: terra e propriedade*. São Paulo: Scipione, 2000.

SCHMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999.

Para a autora estes argumentos também mostram o quanto é enganosa a acusação sofrida por Bernardo de ter sido influenciado pela obra “*o Guarani*” de José Alencar.⁷⁶

O enredo do livro é composto por dois núcleos principais, sendo que ambos são formados por dois triângulos amorosos a partir dos quais a história se desenrola. O primeiro núcleo é composto por Gonçalo, Maroca e Reinaldo. O herói do romance, Gonçalo caracteriza-se por ser um jovem rico, de família distinta, fisicamente forte e habilidoso, muito valente, caprichoso e muito pouco educado, possui personalidade forte e não conhece limites para seus desejos e vontades, egoísta considera-se superior a tudo e a todos, tendo como única preocupação: ser sempre o vencedor.

Na tentativa de estar sempre se auto -afirmando procura confusões em todos os lugares, desafiando a todos. Conhecido por seu temperamento agressivo, era temido por muitos, inclusive por haver adquirido grande conhecimento com relação aos índios. Sua valentia pode ser traduzida por suas habilidades em manejar suas armas o que ele fazia com exímia perícia. Vadio e desordeiro se envolvia em más companhias à procura de novos desafiadores, desrespeitando até mesmo a justiça. Apesar de estar sempre usando suas habilidades e dons para fins de desordem, ele tinha um bom caráter e um coração generoso, brincalhão e divertido, tocava bem a viola, gostava muito de festas, era um bom dançarino sendo muito estimado pelas mulheres. A imaturidade é própria do filho de família abastada, que tudo pode sem limites, característica da sociedade patriarcal desigual e injusta do Brasil do século XVIII.. Tinha um forte sentimento de amizade por Reinaldo, ainda que esse sentimento não fosse maior que o de superioridade que acabava por ocupar todo o seu ser. Devotava grande fé em sua protetora, como também no amuleto que trazia sempre consigo. Aqui a religiosidade se expressa de forma volúvel, muito como uma maneira de inserção social e de aprendizado familiar, sem nenhuma experiência mais concreta com a fé. Em texto de Buarque de Holanda, ‘*A Botica da Natureza*’, é possível entrever práticas e crenças de proteção ao corpo, num Brasil ainda selvagem, cujas orações e amuletos eram um escudo contra os perigos a serem enfrentados.⁷⁷

No primeiro triângulo amoroso, no qual o protagonista começa a cometer seus primeiros pecados ele não demonstra nenhum sentimento de amor pela jovem Maroca e sim um sentimento misto de desejo de tê-la e de desafio que a situação lhe

⁷⁶ COELHO, Nelly Novaes. Sertanismo e Regionalismo: Bernardo Guimarães. In: *Seminário João Alphonsus: a ficção mineira de Bernardo Guimarães aos primeiros modernistas*. Conselho Estadual de Minas Gerais, p. 9-49.

⁷⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. *A Botica da Natureza*. In: *Caminhos e Fronteiras*.

proporcionava. Inteligente sabia que a jovem Maroca era uma forma infalível de desafiar seu amigo, se revelando incapaz de levar em conta qualquer sentimento de consideração ou amizade para satisfazer seu ego. Numa sociedade patriarcal e moralista tal como a brasileira e muito natural que a mulher se torne troféu de disputa amorosa.

Reinaldo, assim como Gonçalo, caracteriza-se por ser um rapaz de um belo porte físico, valente, corajoso e ciumento. Apesar de estar envolvido com pessoas de má índole, não deixou que isto influenciasse seu caráter e seu coração generoso, com o qual devotava um sincero sentimento de amizade por Gonçalo e um grande amor por Maroca. Esta era alvo de todos os seus cuidados e proteção, sendo o único motivo capaz de levar Reinaldo a perder a razão.

Maroca caracteriza-se por ser fisicamente jovem e bonita, o alvo de desejos de todos os rapazes. Entretanto, era igualmente inconseqüente, alegre e ingênua. Na época referida a mulher tinha seu destino resolvido pela família, ou melhor pelo pai. Seu fim era casar, ter filhos e servir a seus maridos. Maroca não tinha família, morava na casa de Reinaldo, sendo sua protegida, leviana e interesseira, demonstra todo seu carinho a Reinaldo como se lhe retribuísse todos os seus sentimentos, e, ao mesmo tempo, deixa evidente todo o interesse que o sedutor Gonçalo lhe causa. Sem pensar em seus atos e suas conseqüências, ela se entrega à situação, sendo sua vida decidida pela tragédia. O primeiro pecado cometido pelo protagonista refere-se ao assassinato do amigo Reinaldo não por amor a Maroca, talvez por uma paixão e orgulho, trata-se de uma questão de ser o vencedor. Entre o bem e o mal Reinaldo protagoniza a figura do amigo fiel, sem maldade, quase inocente. Apaixonado por Maroca se vê traído duplamente por aquela a quem dedicou amor, ternura e respeito e pelo seu melhor amigo, cuja morte em duelo honra e extermina seu personagem na ação literária de Bernardo Guimarães.

No segundo capítulo inicia-se uma nova fase na vida de Gonçalo, a partir de então aparece o segundo núcleo de personagens principais e, conseqüentemente, o segundo triângulo amoroso, composto por Itajiba, Guaraciaba e Inimá. Neste momento, o herói passara a conviver com os índios Xavantes, o romance traz toda uma descrição sobre a vida indígena, característica marcante do romantismo, o índio será descrito como sendo naturalmente preguiçoso, e como de praxe a jovem índia sempre muito bela. Apesar de o restante do romance estar centrado na temática indígena este serve apenas como pano de fundo para se chegar ao fim desejado. Como se fosse um castigo ou o destino deste pecador a história novamente se repete.

Gonçalo, agora Itajiba, vive certo tempo entre os índios Coroados, e logo após passa a viver entre os Xavantes, valente e corajoso como sempre Itajiba inicialmente pela força física consegue mostrar que é especial, logo mais se utilizando de toda a sua inteligência e dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos consegue conquistar a confiança, admiração e o respeito dos índios, bem como o amor de uma índia, em especial.

Guaraciaba, jovem índia filha do cacique Oriçanga prometida ao guerreiro Inimá, é obediente, ingênua e carinhosa. Órfã de mãe fora criada pelo pajé Andiará, serena e dedicada é indiferente ao amor de Inimá. Esta se afeiçoa por Itajiba e se entrega a esse sentimento. Diferentemente de Maroca a jovem índia não é volúvel, mas inocente e seus sentimentos são sinceros.

Inimá, um corajoso e jovem guerreiro que tinha por Guaraciaba um grande amor e esperava ansiosamente pelo dia em que a tomaria como esposa, assumindo também o posto de chefe da tribo. Possuidor de uma personalidade forte, era destemido e respeitado, orgulhoso não aceita ser derrotado pelo rival, tornando-se rancoroso e vingativo planeja com frieza toda a sua vingança.

Os personagens secundários que compõe o enredo do livro são respectivamente: mestre Mateus um velho ferreiro calmo, alegre, de bons costumes e querido por todos. Este juntamente com sua esposa Josefa, irá cuidar de Maroca, desde o dia em que ocorreu a tragédia, são eles que a levarão em romaria até o santuário da santa em Muquém. Oriçanga é o pai de Guaraciaba e o cacique da tribo, caracteriza-se por ser justo, um grande guerreiro quando jovem. Andiará, o pajé mais sábio e venerado, muito respeitado, pois sabia curar muitas enfermidades, tinha um grande carinho por Guaraciaba. Anhambira, jovem irmão de Guaraciaba por parte de mãe, era um jovem leal, fisicamente idêntico ao jovem Itajiba, estes eram amigos desde criança. Jaguaruçu, cacique da tribo dos Caiapós, era grande guerreiro que luta com Inimá e acaba sendo morto por ele.

Aqui, mais uma vez, o triângulo amoroso se refaz, só que desta vez o personagem principal invade uma outra cultura, onde valores, normas e experiências de vida são outros. Contudo, Bernardo Guimarães, refletindo a sua época escancara a superioridade do branco sobre os povos indígenas que, incapazes de se imporem o adotam, reconhecendo neste a capacidade do domínio. O único elemento de transgressão, Itajiba, capaz de dizer não ao herói aparece como vilão da história. Reforçando o imaginário popular, mais tarde referendado até por Gilberto Freire em

Casa Grande e Senzala. As índias independente de suas práticas de ritualização e suas relações amorosas, são presas fáceis do conquistador português(...) ⁷⁸

O personagem principal, Gonçalo, inicialmente egoísta e cheio de si passa a cometer erros cada vez piores, quanto mais ele procura fugir dos seus pecados, mais acaba por cometê-los. Lembremos que inicialmente ele assassina o amigo Reinaldo, mas tarde no capítulo V quando era conhecido por Itajiba, vence Inima e começa a demonstrar que já não se interessa apenas pelo amor da jovem Índia, como também traçava grandes planos para seu engrandecimento pessoal, não se importando com os índios que lhe acolheram e que agora o adotavam e o nomeavam como seu chefe. Preocupando-se apenas em tirar proveito da situação em prol de si mesmo. Mas, como que para seu castigo a história se repete. Ele acaba por assassinar por ciúmes dois inocentes.

Neste momento ele entra em desespero, faz-se necessário um sinal, portanto, como prova para que exista uma possibilidade de se obter o perdão. A religiosidade aparece como a única forma possível numa sociedade sem regras, nem leis, de se fazer justiça. A redenção, a justiça será mediada pelo sacrifício, pela devoção, pela fé. Os desígnios de Deus promovem a restauração da alma e da ordem social.

O romance traz uma visão do surgimento da romaria em Muquém, cuja visão religiosa é muito forte, pois segundo a moral do enredo é necessário o arrependimento de coração para obter o perdão, só a partir do arrependimento de todos os seus pecados e a renúncia à tudo que, até então, era considerado como as coisas mais importantes, é que se pode obtê-lo. No momento em que o herói já não queria se armar para se proteger, pois ele mesmo não suportava o peso de seus atos, no auge de seu sofrimento, sendo, apesar de tudo, um homem de fé, obtém ajuda sobrenatural, passando acreditar que pode, de alguma forma, se redimir de tudo de ruim que havia cometido. Ele, nesse momento, se desprende de todos os interesses materiais e de poder que tinha na vida, joga fora seu egoísmo, levando uma vida de sacrifícios e orações, adorando a imagem que lhe deu uma nova oportunidade de viver e obter, assim, o perdão divino. Segundo Rodrigues, O catolicismo leigo foi uma característica marcante na sociedade rural brasileira. Através dos movimentos messiânicos eremitas, das pregações dos beatos e monges, a religiosidade popular ganhou força no sertão, opondo-se ao Catolicismo

⁷⁸ FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

Romano vigente na instituição Eclesiástica, estabelecida nas principais cidades do país.⁷⁹

⁷⁹ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Literatura e História: um caminho para a compreensão da religiosidade popular. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, 2 (2), Jan/Jun, p.115-181, 1990

2.4 PELO VIÉS DA IGREJA CATÓLICA: UMA OUTRA VERSÃO DO CULTO

*A senhora d'Abadia
tem uma fita no braço
que lhe deram os anjinhos
a vinte e cinco de marco*

*Eu hei de ir a Abadia,
mas o caminho tem pedras
não há tantas como dizem
que a Senhora tirou delas*

*O Senhora da Abadia
Espera por min que eu vou.
Alumia-me o caminho
Já que o luar me fartou.⁸⁰*

O livro *Luz Sobre Muquém* de D. Francisco Prada conta a história da fundação da Romaria de Nossa Senhora da Abadia em Muquém, sob a perspectiva da Igreja Católica. No início de sua obra D. Prada declara existir uma lacuna a ser preenchida em se tratando da devoção da santa em Muquém, devido a não existência de documentos que possam comprovar sua real origem. Segundo D. Prada, apesar das fontes serem quase inexistentes faz-se necessário que sejam utilizadas, mesmo que em partes, com o intuito de se obter uma melhor noção sobre o surgimento desse culto. Ao falar sobre a importância da romaria existente no local, diz D. Prada que nada melhor para isso que, utilizar-se de um trecho de Bernardo Guimarães que diz:

La bem longe, no coração dos desertos, em uma das mais remotas e mais despovoadas províncias do Império, existe uma das mais notáveis romarias, notável sobretudo se atender-nos a o sitio longínquo e as enormes distancias que os romeiros tem de percorrer para chegarem ao solitário triste vale em que se acha erigida a capela de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, na província de Goiás cerca de oitenta léguas no norte da capital e a sete léguas

⁸⁰ VIEIRA, Mons. Primo. *Nossa Senhora d 'Abadia: A história de uma devoção. Romaria : Publicação da Academia Senhora da Abadia do santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja*, 2001.p.21

da povoação de São José do Tocantins, as margens de um pequeno córrego que tem o significativo nome de Córrego das Lágrimas.

Das mais remotas paragens a codem romeiros a essa isolada capelinha para implorar a santa, o alívio de seus padecimentos trazer-lhe preciosas oferendas. Durante alguns dias do ano aquele lóbrego e escuro sítio transforma-se em uma ruidosa e festiva povoação: o Muquém sem contestação, a romaria mais concorrida e a mais em voga no interior.⁸¹

D. Prada diz concordar com o autor no que se refere a esta afirmação com relação a importância desse culto e também na reflexão de que “As peregrinações devotas ou romarias são de uso imemorial em todos os países católicos”⁸², e principalmente quando diz o mesmo autor que estas romarias possuem “grande dose de superstição”⁸³. Contudo logo afirma ser necessário algumas intervenções no que diz respeito a forma com que o livro de Bernardo Guimarães trata o encontro da Imagem de Nossa Senhora da Abadia. O autor deixa claro que tudo o que foi afirmado na obra O Ermitão do Muquém com relação a esse fato é pura ficção do autor.

Segundo D. Prada, os livros sagrados citam as três romarias que deveriam fazer parte do itinerário do povo judaico. Avalia que este culto apresenta uma forte dose de superstição, muitas vezes levadas ao extremo pelos romeiros, que se justifica por ser esta uma forma através da qual o devoto se utiliza para demonstrar toda sua gratidão pela graça alcançada, e que, por isso, muitas vezes, ele ultrapassa os limites para expressar toda a sua gratidão. De acordo com a Igreja:

As romarias não são absolutamente necessárias para a nossa vida espiritual, mas são utilíssimas, e se é verdade que podemos ser piedosos sem as romarias, é indiscutível que podemos sê-lo ainda mais com elas.⁸⁴

A fundação da Romaria de Nossa Senhora da Abadia em Muquém é representada na perspectiva da Igreja, segundo o livro *Luz sobre Muquém*, de D. Francisco Prada da seguinte forma:

Mais de uma vez temos lamentado o fato de não haver tomado nota do livro que casual ou providencialmente caiu em nossas mãos e no qual com enorme satisfação, lemos a origem de algumas devoções da Virgem Sm. E dentre eles. Oh, sorte feliz a de Nossa Senhora da Abadia de Muquém

⁸¹ GUIMARÃES, Bernardo. O Ermitão do Muquém. Ed. Crítica. Org. por José Chedak. Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1972.p.136.

⁸² Ibidem.p.135.

⁸³ Ibidem.p.135

⁸⁴ Folheto: Origem da devoção de Nossa Senhora da Abadia do Muquém.(Cúria Diocesana de Uruaçu), p.3.

Neste livro, escrito na Franca, deparamos com seguinte relato.. DE COCAL, nas vizinhanças de Traíras e São José do Tocantins, arraial que chegou a ter certa importância no tempo da mineração- eram 1200 os escravos ocupados na extração do ouro. Por causa dos maus tratos, fugiu um magote dos mencionados escravos. A procura deles saiu o feitor levando consigo algumas pessoas.

Orientado por algumas pistas que recebeu em S. José do Tocantins chegou ao lugar hoje conhecido com o nome de [vendinha].

De lá avistou movimento de pessoas, no vale- Eram eles, os escravos fugitivos. Estavam ocupados em moquear a carne. Sabia que logo após iriam saboreá-la, e como de costume caíam na bebedeira- Ocasão oportuna para a captura dos mesmos- Tudo como pensara. O local chamava-se Muquém

Eles já tinham começado a exploração do ouro que ali era abundante. O feitor deliberou ficar ali com eles continuando a exploração.

Construíram umas choupanas de palha e no meio delas uma capelinha. Alias o feitor fizera um voto de construí-la se encontrasse os fugitivos e dedica-la ao santo do dia em que se desse o encontro- Como foi no dia 21 de Dezembro, a capela foi dedicada a São Tome.

O Arraial foi aumentando e a ele chegara também em busca de ouro um certo homem vindo de Portugal.

*Diz a tradição que por ter se recusado a pagar o quinto, como estava mandado, foi denunciado. Em tal aperto promete mandar vir de Portugal uma Imagem de Nossa Senhora da Abadia em caso de não ter encontrado ouro no ponto em que trabalhava. Atendido cumpriu a promessa. A imagem e a atual Nossa Senhora da Abadia. Aumentando de dia em dia a devoção foi estabelecida uma **romaria**. Nada estranho que o aludido português, em momento de aflição invocar a proteção de Nossa Senhora da Abadia, visto esta devoção estar muito espalhada em Portugal, mormente na região de Braga. O fato de ter sido escolhida como data de romaria o dia 15 de agosto vem continuar a afirmação de que esta devoção teve origem em Portugal pois e precisamente no dia 15 de agosto que e celebrada a grande Romaria no celebre Santuário de Bouro, no monte de S. Miguel, na diocese de Braga.⁸⁵*

Segundo o autor podemos concluir que o culto tenha se iniciado por volta da Segunda metade do século XVIII. De acordo com D. Prada, o atual santuário de Nossa Senhora da Abadia em Muquém foi inaugurado em 1941, com relação a sua construção e aos operário que ali trabalhavam conta o autor que:

O dia em que tratavam de subir a ultima trave do telhado, ou porque estava pesada demais - era madeira de pau d'arco - ou porque estavam naquele dia fartos farto de forcas, o pau não subiu, não obstante a algazarra aos gritos de 'Vamos, vamos com os auxílios de Sra. Abadia', algazarra escutada pelo prelado a 100 metros, deitado na rede, por causa da febre.

Lembrou-se este que recebera pouco antes uma garrafa de vinho quinado. De posse dela se aproximou da construção e os 'dopou' com uma serie de doses e então o Santo remédio deu lhes forças, e a trave foi levantada ate com uma certa facilidade.⁸⁶

⁸⁵ PRADA, D. Francisco. Luz sobre Muquém. Goiânia: Gráfica O Popular, 1978 .p.11-12..

⁸⁶ Ibidem.p.22.

Ao se referir às romarias D. Prada afirma que “elas são a vida dos grandes santuários, o ponto alto da devoção do povo. Sem elas esses santuários perderiam cem por cento da sua vitalidade.”⁸⁷

Mencionando o escritor Bernardo Guimarães, o autor fala de como este descreve as romarias em seu romance, concordando com o escritor mineiro em sua definição e acrescentando que concorda especialmente quando o romancista afirma que existe uma grande dose de superstição nestas, o que D. Prada justifica devido ao fato de ser a romaria uma das formas do devoto expressar sua gratidão e que, muitas vezes, as formas utilizadas por estes, são excêntricas, e que para aqueles que não acreditam são muitas vezes motivo de riso.

D. Francisco Prada faz questão de comentar que concorda com Bernardo quando este ainda, ao se referir as romarias, diz que “o povo tem feito perder muito da importância e prestígio das romarias”.⁸⁸ O autor diz que além das razões apontadas pelo romancista para tal acontecimento se acrescenta que isto se deve ao fato de que:

*O povo vem fazendo delas objeto de vil mercantilismo, de vergonhosa depravação moral, de divertimentos impróprios, de desbragadas jogatinas e de ousados assaltos ao bolsos alheios.*⁸⁹

O autor recorre novamente ao romance de Bernardo com o intuito de comprovar a existência do vil mercantilismo citado por ele, segundo D. Prada essa prática já existia desde a muito tempo, pois no *O Ermitão do Muquém*, publicado em 1852 já se falava do grande comércio existente em torno destas Segundo D. Francisco Prada:

*As romarias, como todo ato de religião vital a promoção moral do homem. E pensar no quanto elas se tornaram em ocasião de ruína e perdição. De fato, o desavergonhado e audaz meretrício, num inacreditável desrespeito a santidade desses s agraços recintos, s antificados com tantas preces e tantos sacrifícios, não se arreceara de invadi-los para situar neles seus antros diabólicos, e o que e mais revoltante. Ad Valvas Oeclesiae- às mesmas portas da Santa Capela.*⁹⁰

Para D. Francisco este é um dos motivos de o Prelado da Diocese ter abandonado a romaria sem intenção de voltar. Todavia com a atual legalização do

⁸⁷ Idem p.23.

⁸⁸ GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Ed. Crítica. Org. por José Chedak. Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1972. p.135.

⁸⁹ PRADA, D. Francisco. *Luz sobre Muquém*. Goiânia: Gráfica O Popular, 1978. p. 25.

⁹⁰ Idem, p.26.

Patrimônio, tendo as autoridades eclesiásticas um maior domínio sobre o local, espera que este se torne freqüentado somente por romeiros voltados à Deus. Segundo ele, devido a vários abusos que vinham acontecendo nas romarias, varias denúncias foram dirigidas a Roma. Portanto, em 1936, a Santa Sé, por meio da S. Congregação do Concílio, enviou a todos os ordinários uma carta na qual constavam as normas que deveriam ser seguidas para uma celebração digna, julgando que com estas regras os abusos cometidos seriam coibidos, caso isso não ocorresse as romarias nesses respectivos lugares poderiam ser extintas. Mesmo assim em 1939, o Concílio Brasileiro concluiu que a romaria apresentava muitas vantagens, decretando que: “:Pomova-se nos fieis a visitação aos santuários mais célebres e de maneira especial aos da Sm.Virgem, merecendo ainda especial menção a de Aparecida.(....)”⁹¹

A festa da romaria de nossa senhora d'Abadia de Muqém é celebrada dia 15 de Agosto. De acordo com D. Prada, esta é precedida de uma novena da qual participam poucas pessoas que chegam ao local com alguns dias de antecedência, para montarem suas barracas. Segundo ele, o vale onde Gonçalo chegou cheio de cansaço é chamado de Muquém, localizando-se como já havia dito Bernardo Guimarães:

'A 80 léguas de Vila Boa, e a 7 de S. José do Tocantins'. A primeira, sede da Diocese, que na época abrangia todo o estado de Goiás e o triângulo do Estado de Minas Gerais e o segundo, sede da paróquia a que Muquém pertencia. Com o passar do tempo, novas circunscrições foram criadas no Estado de Goiás- Entre outras foi erecta a prelazia de São José do Tocantins, assim denominada por estar a sede em dita cidade.Com isto, é lógico que Muquém ficasse agregado a esta Prelazia, desde 1924, data da criação.

Com o grande progresso que tomou conta do Estado e consequentemente a multiplicação dos arraiais, vilas e cidades, tornou-se necessário novo reajuste, sendo criadas novas Prelazias, Dioceses. Dentre estas a de Uruaçu, formada como parte do território da antiga Prelazia, e parte do território da Diocese de Goiânia, no ano de 1957.

*Para a sede da nova Diocese, foi escolhida a cidade de Uruaçu, por reunir maiores vantagens, tanto pela importância da cidade como pelas vias de comunicação(...) Niquelândia- agora substituindo o nome de São José do Tocantins- ficou pertencendo à Diocese de Uruaçu e consequentemente também Muquém.*⁹²

Segundo Rodrigues, na obra de Bernardo a presença de alguns elementos, como *Provação, Retiro e Revelação*, são formadores do caráter de um Messias, caracterizando o protagonista do romance. De acordo com a autora, outra característica importante do

⁹¹ Idem, p.27.

⁹² Idem, p.47.-48.

Messias é a questão do milagre, que pode ser visualizado no romance no momento em que Maroca recupera sua fala, após ver Gonçalo. Um elemento presente nos movimentos messiânicos é a formação de uma comunidade que se opõe a ordem vigente, elemento este não encontrado no romance de Bernardo Guimarães.

A autora conclui que:

*A obra de Bernardo Guimarães longe de ser uma história do Imaginário corresponde à um aspecto da vida do homem: a religião enquanto valor moral é um instrumento possível de modificação social.*⁹³

Rodrigues nos chama a atenção para o fato de no livro de D. Prada ser atribuído à um português a fundação da romaria, enquanto que no romance foi atribuído à um indivíduo na colônia. Segundo a autora isto se deve ao conflito entre colonizado e colonizador.

Para além dessas importantes observações de Rodrigues, o livro de D. Prada permite-nos perceber a necessidade da igreja de elaborar uma outra representação histórica que, asséptica, exorciza o romantismo de Bernardo Guimarães. Desaparecem as paixões terrenas, os assassinatos, os triângulos amorosos, os próprios índios como coadjuvantes do cenário de intrigas, de lutas pelo poder. O feitor, rompendo com as ordens do patrão, serve-se dos escravos para o fim último do seu próprio enriquecimento. O vilão da história se transfere para a exploração da metrópole, o milagre da descoberta do ouro, patrocinado pela santa livra o feitor do castigo real. A graça recebida é trocada pela construção da capela, em cujo lugar Nossa Senhora passa a ser cultuada. O milagre resiste ao tempo.

⁹³ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Literatura e História: um caminho para a compreensão da religiosidade popular. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, vol 2, Jan/jul 1990, p.124.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cursar a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, decidi que meu projeto de pesquisa teria como tema a Romaria de Nossa Senhora da Abadia. A partir de então, com o auxílio de minha orientadora percebi o quanto seria interessante trabalhar com o mesmo tema, utilizando uma abordagem diferente, mostrando as duas representações diferenciadas do surgimento desse culto.

Apesar dos vários trabalhos existentes na Universidade que trabalham a romaria de Nossa Senhora da Abadia, tive dificuldades com relação a fontes, sobre essa santa, mesmo se tratando de documentação oficial.

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho encontrei outras dificuldades. Entre elas uma bibliografia de apoio sobre o autor Bernardo Guimarães e sua obra, pois muito pouco foi escrito sobre o escritor mineiro. Ao traçar a História da Literatura Brasileira, muitos autores apenas citam o autor, outros poucos comentam sobre suas obras, se referindo a ele como um escritor menor, lhe atribuindo apenas um fruto memorável: *A Escrava Isaura*.

Se muitos autores se referem a Bernardo Guimarães, como “Um contador de Histórias, Um escritor de linguagem pobre, apenas bom poeta”, como poderíamos explicar o fato de o autor ainda ser lido hoje em escolas de nível médio e até mesmo ser utilizado para exames de vestibular? Se o autor escreveu tão mal quanto diz Veríssimo, porque a Editora Ática, ao lançar uma série chamada *Bom Livro*, onde reúne *Os Clássicos da Literatura*, através da qual são publicados os “Grandes Escritores”, nosso escritor mineiro é colocado juntamente com Machado de Assis, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim M. de Macedo, Visconde de Taunay entre outros? O que teria então Bernardo Guimarães se o talento lhe falta na opinião de alguns críticos, para que continue vendendo suas obras em uma época em que a ficção literária apresenta um infinita gama de opções inovadoras, por autores tão conhecidos e conceituados? É possível pensar que o sucesso de *Escrava Isaura* na mídia eletrônica foi responsável pelas inúmeras reedições de suas obras? Neste sentido, as editoras se interessam muito mais pelo lucro do que pela qualidade dos livros que publicam. E aí a consequência desse interesse apenas lucrativo é deveras prejudicial a educação brasileira.

Com relação às duas versões sobre a origem do culto à Nossa Senhora da Abadia, cabe ressaltar que cada qual, possui suas características específicas, e seu igual valor. Bernardo Guimarães, em *O Ermitão do Muquém*, conta a sua versão de forma romântica, utilizando-se de amores e paixões terrenas, lutas e crenças, dando asas à nossa imaginação, pois essa foi a forma que o autor encontrou para expressar a sua percepção acerca do assunto. Dom Prada, membro da Igreja Católica, toma uma postura diferente, mais linear, baseando em fatos respaldados por uma documentação oficial.

Enfim, cada autor possui o seu discurso, acerca do mesmo assunto, estes se encontram e se divergem em vários pontos. Entretanto, não podemos dizer que qualquer um deles pode ser chamado de falso ou verdadeiro, e sim que são discursos, diversos elaborados a partir de percepções diferenciadas a respeito de um determinado acontecimento, tendo cada qual, seu valor.

O desvendamento da obra de Bernardo Guimarães apenas começou. Fica aqui uma indicação para a análise de sua poesia, que parece se opor à moralidade de sua prosa. O caminho está aberto.

FONTES

FOLHETO: Origem da devoção à Nossa Senhora d' Abadia de Muquém
(Cúria Diocesana de Uruaçu- GO)

Livro de Orações

LIVROS:

GUIMARAES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*.

PRADA, D. Francisco. *Luz sobre Muquém*. Goiânia, Gráfica o Popular, 1978.

OUTROS:

Mapa

Internet

BIBLIOGRAFIA GERAL

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol 8,n 15, Jan/Jun 1995. p. 145-151.

BILHARINHO, Guido. *Romances Brasileiros: uma leitura direcionada*. Uberaba: Instituto Triângulo de Cultura, 1998.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Uma relação de troca e cumplicidade. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, n 9, Jul/Dez 1993.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte:Ed.Itatiaia, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade Estudos da Teoria e História Literaria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CHARTIER, Roger. História Intelectual e História das mentalidades. In : *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.

CHEVALIER, Jena et. al. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1988.

CHIAPPINI, Lígia. Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: *História Fronteiras*. São Paulo: Associação Nacional de História, Humanistas: FFLCH/ USP: ANPUH, 1999. p.805-817.

COELHO, Nelly Novaes. Sertanismo e Regionalismo: Bernardo Guimarães. In: *Seminário João Alphonso: a ficção mineira de Bernardo Guimarães aos primeiros modernistas*. Conselho Estadual de Minas Gerais, p.9-49.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*.

DAMASCENO, Maria das Dores. *Do diamante ao Milagre da Fé: Romaria – Ex – Água Suja*. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1997.

_____, „Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na Literatura. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, Vol 8, n 15, Jan/ Jun 1995. p.153-159.

DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. *Ex- Votos e Poieses: Olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais*. Uberlândia: UFU, 2003 (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, Ruben. *Os Cavaleiros do Bom Jesus: Uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

GUIMARAES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. (ed. Crítica org. por José Chedak). Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1972.

_____, *A Escrava Isaura*. São Paulo: Editora Três, 1973.

_____, *O Seminarista*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____, *O Garimpeiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

HANDA, Francisco. Discurso Histórico e Narrativa Literária. In: *Revista Pós História*. São Paulo; Assis, n 8, 2000. p.357-362.

HARLAN, David . A História Intelectual e o retorno da Literatura. In: RAGO, Margaret, GIMENES, Renato A loizio d e Oliveira (org). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP Instituto de Filosofias e Ciências Humanas, 2000. p. 16-61.

JÚNIOR, Alcione de Souza. História e Ficção: A escrita do Historiador e seus Problemas. In: *Revista Atos & ethos*. Patrocínio, v.2, 2002. p.17-32.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e História da Literatura: Quem é o vilão da História ?.In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Marcos César de Freitas(org). São Paulo: Contexto,1998.

LOPES, Emília Mendes. Quem tem medo da Ficção?. In: *Revista Athos e ethos*. Patrocínio, v.2, 2002. p.221-234.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. In: *Cadernos de História*. Uberlândia: UFU,7(7), Jan/Dez,1996.

_____, *Cultura Popular e desenvolvimento em MG: Caminhos cruzados de um mesmo tempo*. São Paulo: USP, 1998 . (Tese de Doutorado).

_____, Religiosidade no Cotidiano Popular Mineiro: Crenças e festas como linguagens subversivas. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, n 22, Jan/Jun 2000. p.215-225.

_____, Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire (org). *História e Cultura : espaços Plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002. p.335-345.

MANZAN, Maria Aparecida R. et. al. Santos do céu ... Santos da terra ... Santos do povo. In: *Revista Documentos e História*. APU, n. 06. 2000.

MITRE, Antônio. Literatura, História e Biografia no Facundo: a metodologia de Domingo Sarmiento. In: *Revista História & Perspectivas*.

NERY, Paulo Roberto. Sinfonia Inacabada: O texto antropológico entre ciência e Ficção. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, UFU, n 9, Jul/Dez 1993. p.5-29.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Indagações sobre História Cultural. In: *Revista Artcultura*. Uberlândia, UFU, vol 3, n 3, Dez. 2001. p.9-15.

_____. Fronteira da ficção: Diálogos da História com a Literatura. In: *História Fronteiras*. São Paulo: Associação Nacional de História, Humanitas/ FFLCH/USP: ANPUH, 1999.

PRADA, D. Francisco. *Luz Sobre Muquém*. Goiânia: Gráfica O Popular, 1978.

RIBEIRO, Ju scelino Batista. A Cultura enquanto uma Representação Social. In: *Revista Artcultura*. Uberlândia: UFU, Vol I, n 2, Dezembro 2000. p. 101-107.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Literatura e História: um caminho para a compreensão da religiosidade popular. In: *História & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, 2 (2), Jan/Jun 1990. p.115-131.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

RONCARI, Luiz. Ficção e História: O espelho transparente de Machado de Assis. In: *História e Fronteiras* . São Paulo: Associação Nacional de História, Humanitas: FFLCH/ USP: ANPUH, 1999. p.819-830.

SCHIMIDT, Benito Busso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a Literatura. In: RAGO, Margaret, GIMENES, Renato Aloízio de Oliveira . (org.). *Narrar o Passado e Repensar a História* . Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. p. 193-202.

SILVA, Maria Ivonete Santos. A Experiência Literária Contemporânea e o Conceito de Belo. In: *Revista Artcultura*. Uberlândia : UFU, vol. I , n 2, Dez 2000. p.54-58.

SILVA, Raquel Marta da . *Chico Xavier: Imaginário Religioso e Representações Simbólicas no interior das Gerais Uberaba 1959/2001*. Uberlândia: UFU, 2002.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: Um Estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Ba. Petrópolis* : Ed. Vozes, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1996.

SOUSA, Geovane da Silva. *Conhecendo Romaria*.

VAINFAS, Ronaldo. Da História das Mentalidades à História Cultural. In: *Revista História*. São Paulo: Ed. UNESP, vol 15, 1996. p.129-140.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis 1906*. Brasília: UNB, 1981.

VIEIRA, Mons. Primo. *Nossa Senhora d 'Abadia: A história de uma devoção. Romaria* : Publicação da Academia Senhora da Abadia do santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, 2001.

WEINSTEIN, Barbára. A Pesquisa sobre Identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à nova História Cultural. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ Humanitas, vol.18, n 35, 1998. p.227-246.